

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – PRODUÇÃO EDITORIAL

Gabriel Finatto Alves

**"Ele é homem ou é Flozô?": Identidades masculinas e homofobia
na telenovela Pantanal e no Twitter**

Trabalho de Conclusão de Curso

Santa Maria, RS
2023

GABRIEL FINATTO ALVES

**“ELE É HOMEM OU É FLOZÔ?”: IDENTIDADES MASCULINAS E HOMOFOBIA
NA TELENOVELA PANTANAL E NO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Universidade Federal de Santa Maria como
requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel
em Comunicação Social - Produção Editorial.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sandra Depexe

Santa Maria, RS, Brasil
2023

GABRIEL FINATTO ALVES

**“ELE É HOMEM OU É FLOZÔ?”: IDENTIDADES MASCULINAS E HOMOFOBIA
NA TELENOVELA PANTANAL E NO TWITTER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal de Santa
Maria como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação
Social - Produção Editorial.

Banca Examinadora:

Prof. Dr^a. Sandra Depexe - UFSM/RS
(Orientadora)

Ms. Marina Judiéle dos Santos Freitas - UFSM/RS

Prof. Dr^a Camila Marques - UNILA/PR

Santa Maria, 20 de dezembro de 2023

AGRADECIMENTOS

Foi uma jornada estranha até aqui. O Gabriel que fez sua matrícula lá no início de 2017 não fazia ideia do que estava por vir. Talvez se tivesse qualquer pista de como seriam os anos seguintes, escolheria fazer qualquer outra coisa que não fosse estudar, afinal, não foram poucos os problemas que enfrentei durante meu tempo na PE. Por isso, começo esse texto agradecendo a mim em todas as versões que fui nos últimos anos.

Minha família, muito obrigado: obrigado por entenderem o quanto eu posso ser confuso e inquieto e respeitarem as minhas decisões. Obrigado também por tudo aquilo que é palpável, parece pouco, mas não é: um café quentinho para um dia que eu ficaria até tarde escrevendo, as roupas que eu usei para ir para a universidade (o frio de Camobi é absurdo às vezes!), as passagens para o ônibus, os xerox para textos, as impressões de livros das aulas experimentais... A universidade é pública, gratuita e de qualidade sim, acreditem quando ouvirem sobre isso, mas não esqueçam que junto dela existem outras diversas coisas necessárias para que possamos acessá-la e infelizmente essas coisas nem sempre são tão acessíveis assim.

Aos meus amigos Letícia, Angelo e Bárbara: sem vocês, esse último ano teria sido impossível de ser vivido com graça, leveza e amor. Obrigado a cada um por todo o apoio para que eu finalizasse essa etapa tão especial para mim, mas que, nos últimos anos, havia se tornado um trauma. Que a vida seja tão generosa com vocês, como vocês têm sido comigo.

Fe, Ju, Maria, Isa, Mari, Flavs... obrigado por terem sido as minhas parceiras durante a graduação. Temos histórias lindas juntos e, mesmo distante, vocês estão presentes nesse trabalho porque vocês acompanharam todos os anos anteriores e foram verdadeiras parceiras de caminhada.

Lis, desde o ensino médio existia esse sonho em comum e veja só, aqui estamos indo fechar esse ciclo juntos novamente. Obrigado por nunca deixar a minha peteca cair mesmo quando eu tento derrubá-la.

Denny, Fe, Any, Mael, Nat e Rafa... sou grato por ouvirem meus surtos. Realmente não espero que meu TCC ganhe a categoria "maior sofrimento do ano" da nossa simbólica premiação porque graças a vocês, eu sofri muito menos. Obrigado pelo conforto, apoio e pelas 500 mensagens que eu não conseguirei ler nunca, mas guardo com amor.

Por último, mas não menos importante (definitivamente não), obrigado Depexe! Obrigado por entender e ouvir os motivos que me fizeram atrasar essa entrega, respeitar o meu tempo e nunca desistir de mim. Obrigado também por apoiar minhas ideias e sempre incentivar o meu progresso e minhas tentativas para as coisas que eu venho tentando conquistar. Eu não poderia ter tido uma orientadora melhor.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo discutir sobre as representações midiáticas de identidades masculinas e como elas são apropriadas fora da narrativa ficcional. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para refletir sobre aspectos dos Estudos Culturais com as obras de Stuart Hall, Ana Carolina Scosteguy, e Graeme Turner e Kathryn Woodward, bem como as questões relacionadas a masculinidades e gênero através das autoras Raewyn Connell, Judith Butler e Heleieth Saffioti. Assim, Pantanal (2022) foi previamente contextualizada e entendida com a ótica de Immacolata Lopes sobre telenovela e analisada em um recorte específico dos capítulos exibidos com o intuito de observar o estranhamento dos peões do pantanal com a chegada de Jove, um homem que performa sua masculinidade de uma forma ainda não vista naquele contexto. Paralelamente aos capítulos, foi feita uma coleta de conteúdos na rede social Twitter para discutirmos diversos assuntos que se mostraram relevantes dentro da ampla questão das identidades culturais, como a homofobia, que se mostrou presente dentro e fora da ficção, alimentada por fatores narrativos e associados à masculinidade do personagem selecionado.

Palavras-chave: Identidades Culturais. Telenovela. Masculinidade. Representação Midiática. Homofobia.

ABSTRACT

The present paper aims to discuss the media representations of male identities and how they are appropriated outside fictional narratives. To achieve this, a bibliographic research was conducted to reflect on aspects of Cultural Studies with the works of Stuart Hall, Ana Carolina Scosteguy, Graeme Turner, and Kathyryn Woodward, as well as issues related to masculinities and gender through the writings of Raewyn Connell, Judith Butler, and Heleieth Saffioti. Thus, Pantanal (2022) was previously contextualized and understood through the perspective of Immacolata Lopes on soap operas, and it was analyzed within a specific excerpt of the episodes aired to observe the astonishment of the Pantanal ranch workers with the arrival of Jove, a man who performs his masculinity in a way not previously seen in that context. In parallel with the episodes, content was collected from the Twitter social network to discuss various topics that proved relevant within the broader issue of cultural identities, such as homophobia, which manifested itself both within and outside fiction, fueled by narrative factors and associated with the masculinity of the selected character.

Keywords: Cultural Identities. Soap opera. Masculinity. Media Representation. Homophobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa mental elaborado a partir da análise dos capítulos.....	37
Figura 2: José Leôncio interpretado por Renato Góes e Marcos Palmeira.....	39
Figura 3: Jove (interpretado por Jesuíta Barbosa).....	40
Figura 4: Captura de tela do site G1.....	41
Figura 5: Captura de tela do Twitter.....	56
Figura 6: Captura de tela do Twitter.....	57
Figura 7: Captura de tela do Twitter.....	60
Figura 8: Captura de tela do Twitter.....	61
Figura 9: Captura de tela do Twitter.....	62
Figura 10: Captura de tela do Twitter.....	63
Figura 11: Captura de tela do Twitter.....	65
Figura 12: Captura de tela do Twitter.....	65
Figura 13: Captura de tela do Twitter.....	66
Figura 14: Captura de tela do Twitter.....	68
Figura 15: Captura de tela do Twitter.....	69

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 CULTURA, IDENTIDADES E MASCULINIDADES	14
2.1 Os estudos culturais: definições não absolutas e uma breve contextualização	14
2.2 O conceito de identidade	16
2.3 O papel masculino e a masculinidade como uma nova perspectiva	17
2.4 As problemáticas acerca da identidade masculina	20
3 TELENOVELA, NARRATIVAS TELEVISIVAS E MÍDIAS SOCIAIS	23
3.1 As telenovelas brasileiras e o seu papel social	23
3.2 O fenômeno Pantanal e o personagem Jove em evidência	25
3.3 Twitter como lugar de discussão	26
4 EXPLORANDO PANTANAL E AS REDES: METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA	29
4.1 O enredo de Pantanal e os capítulos selecionados	29
4.2 Natureza da pesquisa e métodos utilizados	33
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: JOVE NA PERSPECTIVA DA FICÇÃO E DO TWITTER	36
5.1 Análise da trama de Pantanal	36
5.1.1 José Leôncio	38
5.2 Joventino (Jove)	39
5.2.1 Jove no Rio de Janeiro <i>versus</i> Jove no pantanal	40
5.3 Jove, os homens do pantanal e o conflito entre suas identidades masculinas	41
5.3.1 Análise dos capítulos: a expectativa, a festa e a frustração	42
5.3.2 Análise dos capítulos: percepções sobre Jove no pantanal	46
5.4 Pantanal no Twitter: Conteúdos sobre o personagem Jove	55
5.4.1 Jove e as imposições na cultura pop atual	55
5.4.2 Jove e a imposições da masculinidade heteronormativa	59
5.4.3 Jove, o que ele poderia representar e o que ele representa	66
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	71

1 INTRODUÇÃO

As inúmeras formas de masculinidade que se manifestam na contramão do padrão hegemônico do que é considerado “ser homem” ainda são discriminadas pela sociedade. Isso porque esse o modelo idealizado de masculinidade é ditado dentro da normativa heterossexual-cis-viril, na qual os homens desempenham comportamentos específicos e quando não atendem a tal expectativa, têm suas masculinidades colocadas em cheque e suas identidades atacadas. Para construir essa reflexão, olhamos não apenas para os padrões da sociedade, mas também para obras intelectuais socioculturais, além de conceitos estruturados de masculinidade hegemônica de Raewyn W Connell, apoiado também nos estudos feministas de Judith Butler.

Ainda que hoje em dia exista uma discussão sobre o quanto tal normatividade torna o processo de masculinidade socialmente adoecedor, as maneiras que fogem da hegemonia ainda sofrem preconceito.

Sabendo que os comportamentos masculinos, bem como suas masculinidades, têm ganhado espaço nas discussões não apenas acadêmicas, mas também nas mídias sociais, esse assunto ainda é novidade nos veículos de comunicação ditos tradicionais, como a televisão.

Entretanto, nos últimos anos, com o aumento da discussão do tema atrelada a visibilidade de novas identidades masculinas se contrapondo a concepção normativa da masculinidade, é possível ver avanços dentro dos estudos que fazem recortes e apresentam resultados das consequências da concepção da masculinidade hegemônica. Isto é, os estudos, ainda que atrasados no assunto, parecem estar “correndo atrás” do tempo perdido e isso se reflete também na mídia e sobretudo nos produtos midiáticos, como é o caso da telenovela, proporcionando cada vez mais que o tema seja discutido dentro de suas narrativas ficcionais, debatendo assuntos que se entrelaçam no campo das masculinidades, como a homofobia, o machismo e a violência.

Historicamente, a telenovela brasileira é, entre as diversas produções midiáticas, uma das maiores em termos de influência no Brasil. Sendo considerada um dos mais representativos fenômenos da modernidade brasileira, a telenovela une elementos arcaicos e modernos, possibilitando o surgimento de narrativas marcadas pela dialética nacionalidade-midiatização, contrapondo histórias e

realidades através dos seus personagens. Isso torna a telenovela não mais apenas narrativa nacional, mas um recurso comunicativo que vai muito além da arte de contar histórias (LOPES, 2011).

Essa ênfase na representação de uma contemporaneidade sucessivamente atualizada é visível na moda, nas tecnologias, nas referências a acontecimentos correntes. Mas é visível também e, especificamente, na evolução no modo como o amor, o romance, a sexualidade e a relação homem-mulher passou a ser representada nas novelas dos anos 1970 em diante. (LOPES, 2011, p. 25)

Para além do entretenimento popular brasileiro, a telenovela assume então um poder de trazer a inserção de assuntos que passam a ser debatidos socialmente. O consumo cultural por meio de capítulos consumidos praticamente diariamente alimentam constantemente a discussão e a partir dela, a telenovela garante novas tendências e *insights* sobre os mais variados assuntos, como aconteceu recentemente em *Pantanal*, telenovela de 2022, exibida entre março a outubro na Rede Globo, remake do grande sucesso de mesmo nome exibido em 1990 na TV Manchete.

Com a atmosfera interiorana das fazendas da região central do país, *Pantanal* apresenta personagens marcantes da história da televisão. Munidos de ideais considerados mais conservadores e por vezes antiquados, os peões de comitiva empregados de José Leôncio (interpretado por Renato Goés e Marcos Palmeira) têm um choque cultural com a chegada do filho do patrão, Joventino - chamado de Jove - (papel de Jesuíta Barbosa), causando um estranhamento sobre o comportamento de um homem jovem típico dos centros urbanos.

Jove é um homem jovem adulto de vinte e poucos anos que, inicialmente, apresenta uma forma de expressar sua masculinidade que vai na contramão do que os moradores do pantanal enxergam como o padrão masculino. Dentre as características que inicialmente se destacam em Jove, além de um visual atual comum da cidade grande (roupas descoladas como jeans e camisetas estampadas e cabelo levemente desarrumado), ele ainda se encontra em um momento de incertezas sobre o que deseja fazer da sua vida, tem interesse em artes (principalmente na fotografia), expressa suas emoções e sentimentos de forma mais explícita e é vegetariano, o que afasta ainda mais qualquer interesse na vida de peão - visto que a comercialização do gado faz parte da fonte do trabalho de seu pai. Enquanto os outros homens - peões e patrões - se vestem de formas

tradicionais de montagem - com calças jeans, camisas xadrez e chapéus - e buscam sempre reafirmar a sua macheza (essa normativa e heterossexual) através do comportamento, do consumo de carne, pela forma como demonstram suas emoções e pela maneira como enxergam e se relacionam com as mulheres inseridas naquele contexto.

Esse confronto cultural de identidade masculina ficou visível nos primeiros capítulos da telenovela através das cenas de estranhamento quando Jove chega no pantanal. Mas, para além das telinhas, nas mídias sociais foi possível observar que as concepções sobre masculinidades e maneiras de “ser homem” também estavam sendo assunto, como aconteceu no Twitter.

Com a democratização do acesso à internet, bem como as novas ferramentas de mídias sociais como o Twitter, a relação entre a noção de consumo cultural de Canclini (1991) e de cultura participativa de Jenkins (2009) tornou-se inevitável. Isto é, o consumidor passa a deter o poder de também produzir um novo conteúdo a partir do original, fazendo novas apropriações e atribuindo sentidos através de suas criações.

Segundo Kellner (2001), precisamos interpretar politicamente a cultura da mídia para podermos entender a real mensagem e efeitos por trás da sua produção, que pode incorporar vários discursos ao mesmo tempo.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo geral refletir acerca das masculinidades representadas na mídia e como elas contribuem para a construção das identidades e os aspectos culturais na vida real, tendo como objetivos específicos: 1) mapear os discursos sobre o personagem Jove no Twitter; 2) analisar os discursos sobre masculinidade na telenovela Pantanal e 3) reconhecer os possíveis sentidos atribuídos ao personagem Jove.

No segundo capítulo, falamos sobre identidade, conceituando o tema e delimitando para o campo de estudo que nos interessa, o das as identidades culturais. Para isso, contamos com o aporte teórico de Stuart Hall, Harriet Bradley, Zygmunt Bauman e Kathryn Woodward, estabelecendo a relação entre os estudos culturais na perspectiva de Escosteguy que leva em conta não apenas os Estudos Culturais britânicos, mas também valoriza as contribuições latino-americanas de Martín-Barbero (1997). Ainda neste capítulo, exploramos o conceito de masculinidade e o “papel do homem”, discutindo o que socialmente é aceito ou não para o gênero masculino dentro das estruturas sociais modernas, sobretudo no

Brasil. Para embasar o que nos propusemos a discutir dentro deste trabalho, nos apoiamos nas obras de Butler (2010), Connell (1995) e Saffioti (1987), discutindo acerca dos conflitos de identidade masculina que imperam as vivências masculinas.

O terceiro capítulo é elaborado para tecer um panorama sobre telenovelas no Brasil e o impacto que elas causam no âmbito sociocultural do país utilizando das obras de Lopes (2003; 2009; 2011). Além disso, conectamos as telenovelas com o uso da internet, sobretudo das mídias sociais. Para isso, exploramos os conceitos de cultura participativa de Jenkins (2009), articulando com a obra de Recuero (2009). A partir disso, exploramos brevemente a rede social Twitter e como essa plataforma tem relação com programas televisivos contemporâneos.

O quarto capítulo apresenta o objetivo da pesquisa bem como a abordagem utilizada para guiar a análise da pesquisa, onde explicaremos mais detalhadamente a metodologia escolhida. Para tal, adotamos a concepção de Williams (2003) sobre cultura e então traçamos a metodologia de Bauer e Gaskel (2002) com o intuito de elaborar uma pesquisa qualitativa, deixando de lado as informações em números e apresentando as interpretações sociais acerca do objeto definido para realização do trabalho.

No quinto e último capítulo, apresentamos então a análise do objeto definido. Desse modo, mais uma vez recorreremos aos autores utilizados para os estudos de identidade, pois objetivamos relacionar o papel da telenovela no desenvolvimento de identidades da nação. Articulamos também com o texto de Bourdieu (1997) que alerta sobre a divulgação televisiva no poder de agir como mediador de existência social e política, estabelecendo efeitos sobre o real e mobilizando construções sociais através dos temas representados, bem como Canclini (2002), que aponta o poder de reprodução de valores dominantes através dos meios.

2 CULTURA, IDENTIDADES E MASCULINIDADES

Neste capítulo buscamos apresentar a influência da cultura para as questões relacionadas à construção de identidade, bem como as masculinidades, entendendo como práticas culturais, bem como produtos, servem para modulações além do entretenimento.

2.1 Os estudos culturais: definições não absolutas e uma breve contextualização

Os estudos culturais evidenciam a importância e a influência que a cultura exerce na interpretação da realidade, assumindo um papel indispensável para moldar comportamentos tidos como "normais". Assim, o poder da cultura também possibilita transformar a compreensão acerca das sociedades nas quais estamos inseridos.

De acordo com Hall (2006, 2023), enquanto a história avança e as novas gerações começam a existir, a cultura vivida acaba tornando-se o registro cultural. Isto é, deixa de ser a vigente e passa a estabelecer apenas alguns dos seus elementos para a geração mais jovem. Desse modo, é necessário compreender os Estudos Culturais, ainda que com uma delimitação já estabelecida sobre o campo em que se aprofunda, em um constante movimento e adequação, pois se a sociedade e as práticas sociais mudam, modifica-se também o objeto de estudo.

Os Estudos Culturais britânicos ressaltaram a relação estabelecida entre a investigação e as concepções sociais nas quais o contexto cultural se torna um movimento teórico-político, de acordo com Escosteguy (2000), que faz um apanhado das contribuições de Stuart Hall, Raymond Williams e Edward P. Thompson sobre cultura.

Para ambos, Williams e Thompson, a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. No seu lugar, preferia entendê-la enquanto uma luta entre modos de vida diferentes. (ESCOSTEGUY, 2000, p. 5)

Para Williams (2003) a cultura pode ser classificada em três diferentes níveis:

- a) a ideal, vigente de um processo de perfeição humana, fixa e com viés absolutista;
- b) a documental, sendo ela as produções intelectuais e criativas que integram o

pensamento e a experiência humana e c) a social, reconhecendo a maneira de viver em sociedade através das instituições e definições pré-existentes de grupos específicos. As definições são necessárias para possibilitar diferentes aspectos da sociedade através dos valores e significações vigentes dentro do contexto social.

A cultura não deve ser compreendida como um mero termo usado para delimitar algo sem definição, mas ser analisada através da complexidade da contribuição. Afinal, a perspectiva de Williams confronta e leva em consideração os processos que transformam a população e a sociedade em questão.

Os estudos culturais devem, então, ser vistos tanto através do viés político quanto do ponto de vista teórico que possibilita um novo campo de estudos. Afinal, eles evidenciam as conexões entre a pesquisa e as formações sociais, não sendo apenas um estudo a respeito da cultura hegemônica, mas também das realidades sociais nas quais a cultura se manifesta enquanto prática.

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (TURNER, 1990, p. 11)

Desse modo, os Estudos Culturais não são uma mera disciplina que pode ser construída e compreendida isoladamente de outras propostas de conhecimento, mas sim, deve ser visto a partir da intersecção de diversos estudos que se aplicam para o entendimento comum do aspecto cultural da sociedade contemporânea, como os grupos sociais e as identidades culturais, como falaremos adiante.

A serviço dos movimentos sociais e das lutas de minorias, os Estudos Culturais tiveram e têm um papel fundamental. Stuart Hall, nesse sentido, trouxe contribuições como o desenvolvimento de estudos etnográficos e análises dos meios massivos, viabilizando a investigação de práticas de resistência através das subculturas estabelecidas como contraponto crucial, conforme a discussão da obra de Escosteguy (2006).

Ainda de acordo com Escosteguy (2018), sem uma das principais obras de Barbero, *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia* (1997), os estudos culturais latino-americanos não teriam tido a relevância que possuem, em especial aqueles relacionados diretamente à comunicação. Sobretudo, Barbero possibilita pensar cultura popular e cultura de massa através da telenovela e da

realidade sociocultural descentralizada da Europa. Assim, dialogando com as noções de movimentos sociais e problemáticas mais próximas ao nosso país.

Historicamente, com o feminismo interseccionado com os Estudos Culturais, as questões legítimas já debatidas sobre identidade passam a ganhar ainda mais espaço dentro dessa linha das pesquisas culturais propostas pelo estudo. E ao contrário do que o senso comum pode pensar, esse movimento intelectual foi benéfico não apenas para mulheres, mas para todos e todas.

Para Escosteguy (1998), através da relação entre o feminismo e os estudos culturais, novos questionamentos surgiram. Sobretudo no que se refere a identidade. Com novas variáveis para compreender a concepção de si mesma, para além das questões geracionais e étnicas e de classe já difundidas por Hall, passa também a ser concebido através do estudo da nacionalidade e do gênero.

Nesse sentido, compreende-se até aqui, os estudos corroboram para o que discutiremos a seguir: as noções de identidade e o campo sociocultural em que elas se encontram, pensando para além do deslocamento teórico de aplicação dos Estudos Culturais, mas também as novas formas de pensar o mundo e ir na contramão do viés hegemônico de gênero que por si só é simbolicamente violento com todos, todas e todes.

2.2 O conceito de identidade

Em um sentido amplo, as identidades são definidas por uma série atributos e características que, juntas, servem como pilares que estabelecem e delimitam o grupo social em que o indivíduo está inserido ou ele próprio. As identidades devem ser compreendidas a partir da maneira que os indivíduos se percebem dentro da sociedade em que estão inseridos e através da forma pela qual percebem os outros em relação a eles mesmos (BRADLEY, 1996).

Em uma perspectiva pós-moderna, as identidades culturais são para alguns estudiosos das ciências sociais, compreendidas como fluídas e fragmentadas. De acordo com Hall (2006), isso se dá pela globalização, que por sua vez proporciona uma cultura híbrida ao sujeito, fazendo com que velhas identidades entrem em um estado de declínio e novos processos de construção de identidades culturais surjam. Nesse sentido, há um cruzamento maior de informações que constituem o “ser” de cada um.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2006, p. 9)

É exatamente no entendimento de que as identidades estão cada vez mais fragmentadas, que o conflito social acontece. Isto é, não se pode mais entender uma pessoa apenas por um grupo social ao qual ela está inserida, afinal, é impossível ela estar presente em apenas uma esfera social que implica em sua existência e pilar que a constitui como pessoa.

Contudo, a identidade também é um fenômeno relacional. Isto é, depende de algo exterior a si mesma, considerando algo que ela não é para que se possa enxergar o que a define (WOODWARD, 2014). Em outras palavras, a identidade é delimitada pela diferença, e só é possível compreender a esfera de uma, quando se nota outra.

"Identidade" significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular — e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E no entanto a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades (...) (BAUMAN, 2003, p. 21)

Autores como Canclini, Hall e Kellner defendem a ideia de que as identidades são desenvolvidas por via de questões culturais. Nessa perspectiva, o sentimento de pertencimento e significações compartilhadas são o que modulam seus respectivos desenvolvimentos.

2.3 O papel masculino e a masculinidade como uma nova perspectiva

Ao longo da história, nos anos 70 do século passado, o gênero dos homens era compreendido a partir do “papel do sexo masculino”. Para um sujeito ser enxergado (e respeitado) como homem, era necessária uma série de comportamentos e atitudes que definiam a expectativa social a ser suprida por aquela figura. Isto é, o chamado “papel masculino”.

Entretanto, segundo Connell (1995), o conceito de "papel masculino" possui inúmeros pontos fracos em relação ao seu caráter científico e pragmático. Isso

porque ele não possibilita que questões vinculadas a opressões causadas pela violência e desigualdade social sejam compreendidas, por exemplo.

Em outras palavras, imagine um quarto escuro repleto de inúmeros homens. Esse conceito se esvazia justamente por ser exatamente assim. Isto é, coloca todos os sujeitos do sexo masculino em uma mesma definição, mas não se aprofunda nas questões das múltiplas formas de manifestação da masculinidade e sequer prevê a pluralidade dentro da temática em si.

Desse modo, passamos a contemplar apenas o termo “masculinidade”, bem como seu conceito teórico e pragmático para refletir acerca do estudo sobre os homens e suas socializações no mundo.

A masculinidade é uma configuração prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero. Existe, normalmente, mais de uma configuração desse tipo em qualquer ordem de gênero de uma sociedade. (CONNELL, 1995, p 188)

As identidades culturais também são desenvolvidas através da corporeidade dos sujeitos. Desse modo, as masculinidades são traçadas de maneiras corpóreas, mas sem deixar de ser sociais. As masculinidades são desenvolvidas mediante a posturas, habilidades físicas e movimentos (CONNELL, 1995).

Segundo Connell (2003), a masculinidade significa um lugar nas relações de gênero, nas práticas que homens e mulheres ocupam esse espaço. Essa definição acentua a maneira relacional em que os sujeitos se relacionam com o conceito, aplicando e delimitando a noção em práticas e evidenciando um caráter empírico e sociológico na questão. Apesar de não definir exatamente o que compreende por um gênero ou outro, a teoria se preocupa principalmente em estabelecer um campo epistemológico-sociológico em que as questões corporais, as relações de dominação e a violência possam ser entendidas dentro dos territórios de gênero através da prática.

Diante disso, não é possível se aprofundar na questão de masculinidades sem antes pensar, ainda que brevemente, sobre gênero e sexualidade. Nesse sentido, o processo linguístico contribui diretamente na formação das sexualidades tanto quanto suas normativas. A heterossexualidade e a heteronormatividade, é feita a partir do processo linguístico e discursivo. Na concepção de Butler (2010), as normas de modulação do sexo trabalham de uma maneira performativa para

constituir a materialidade dos corpos e sobretudo, para elucidar a diferença sexual a serviço do que corresponde ao imperativo heterossexual. Ou seja, o discurso possibilita autoridade para produzir o que nomeia através da citação das convenções e da autoridade, compreendendo o poder e as normas em uma relação direta com a performabilidade como ato de fala.

As masculinidades também são construídas através da esfera da produção. Impera-se, nesse sentido, um processo que molda a masculinidade também no campo do sistema de dominação social, como o capitalismo, que dentro de suas estruturas, corrobora para a manutenção constante da dominação dos homens. É nesse ponto onde surgem de fato as masculinidades hegemônicas.

Ainda que o nome possa parecer radical, o termo também faz jus ao que implica as relações de poder conferidas dentro do sistema. Isto é, na hierarquia de poder, homens estão no topo, sobretudo os brancos heterossexuais com alto poder aquisitivo - não por acaso, inclusive, as primeiras características implicam no maior acesso desse grupo para terem a última. Por isso, apesar de todos os homens exercerem relações de poder sobre mulheres, eles exercem dominação também sobre si por meio de outras questões que não estão conferidas especificamente ao fato de serem homens, mas serem também homens, entre outras questões (como a raça, a orientação sexual e o poder de compra).

Tais estruturas de relações de gênero significam, então, ir muito além das interações entre homens e mulheres. Na prática, significa dar a devida atenção ao gênero como uma estrutura ampla que engloba questões da economia, do estado, das instituições como a família e seus valores e a sexualidade - além de outros diversos recortes que fomentam cada um dos sujeitos. Nesse sentido, o gênero passa a ser compreendido de uma forma muito mais complexa do que meros "papéis de gênero" ou questões biológicas reprodutivas conseguem abordar.

Essas questões citadas então, somadas ao acesso ao consumo cada vez mais difundido no contexto de globalização, possibilita o entendimento da masculinidade como uma questão complexa e por vezes contraditória.

Desse modo, é cabível dizer que não existe exclusivamente uma masculinidade em questão para servir como regra (embora exista sim um modelo hegemônico), mas sim inúmeras masculinidades, sendo elas constantemente construídas e reconstruídas a partir das narrativas sobre gênero e através delas mesmas como referencial para novas constituições.

As masculinidades, então, dão a perspectiva para podermos pensar em algo para além do que formulamos aqui, indo desde os estudos de gênero aos textos que elaboram contribuições culturais acerca das identidades, suas formações e implicações práticas no mundo.

2.4 As problemáticas acerca da identidade masculina

A identidade masculina em questão, vista enquanto objeto de reflexão e pesquisa de gênero, pode, nesse contexto, ser considerada um assunto relativamente novo no campo das ciências humanas. Isso porque o conceito era ignorado conforme a concepção de que a masculinidade hegemônica era inquestionável, baseando seus critérios na dominação masculina que se estende até hoje nas esferas socioculturais em que vivemos.

Uma identidade, seja ela de caráter feminino ou masculino, não pode ser compreendida única e exclusivamente através do seu sexo de nascimento como se essa fosse a totalidade do ser em questão, pois as identidades, em perspectivas culturais, são obrigatoriamente desenvolvidas a partir também das influências socioculturais, tendo então o meio em que estão inseridas um papel fundamental para a construção de cada identidade. Ou seja, é necessário olhar para a esfera geral do que constitui cada sujeito dentro os outros diversos recortes dos tecidos sociais que sugerem identificações em cada um de nós em nossas raízes mais primitivas e inerentes aos nossos meros gostos, preferências e vocações.

O próprio conceito com o qual estamos lidando, “identidade”, é demasiadamente complexo, muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser definitivamente posto à prova. (HALL, 2006, p. 8)

Apesar da colocação de Stuart Hall de fato levantar uma questão legítima sobre a complexidade do tema, precisamos partir de algum ponto para analisar o processo de construção de identidades culturais brasileiras.

Isto é, não se pode discursar sobre identidades masculinas sem qualquer recorte de origem que sirva como o pontapé inicial de discussão. É necessário entendermos o contexto desta identidade. Nesse caso, falamos de uma identidade masculina brasileira (que é o foco principal deste capítulo e do meu trabalho - não

me atentarei a explanar identidades culturais masculinas de outros países, pois apesar delas sofrerem influência dos mesmos sistemas dominantes - o machismo, o racismo e o capitalismo, tais sistemas de dominação se estabelecem de maneiras diferentes consoante os nacionalismos, costumes e religiões de cada país).

Para isso, levaremos em consideração como contexto o nosso país, que carrega em si diversas questões como a influência indígena, europeia e africana dos povos que vieram para cá, bem como problemáticas recorrentes na estrutura do Brasil como o preconceito (de forma abrangente - onde sujeitos de identidades distintas sofrem de maneira diferente).

A identidade social do homem, assim como a da mulher, é construída por meio de atribuições dos distintos papéis que tais gêneros devem, supostamente, desempenhar para a sociedade em questão. Nesse sentido, a sociedade delimita os campos onde e como atua o homem e a mulher (SAFFIOTI, 1987).

Esses condicionamentos sociais no que se referem aos gêneros, se costumam nas raízes das compreensões do que o homem e a mulher de fato são e nos atributos que os constituem como sujeitos sociais. Desse modo, papéis de dimensão socioculturais se cruzam com a falácia da natureza do gênero propriamente dita. Isto é, meninas, por exemplo, desde pequenas ganham bonecos de bebês e brinquedos que remetem ao serviço desempenhado no lar. Mais tarde, quando essas meninas crescem, o sonho de se tornar mãe e as concepções sobre o instinto materno vão ganhando forma em seu imaginário, seja por elas mesmas ou pela imposição da sociedade em que vivem.

Por outro lado, indo de acordo com a masculinidade hegemônica, os meninos são socializados com a violência entrelaçada na construção do que representa a masculinidade dentro da sociedade seja com as brincadeiras de luta, os personagens heróicos que combatem corpo a corpo e até mesmo a notoriedade imposta de ser mais forte do que as meninas, pois esses atributos cabem dentro do homem socialmente aceito, de virilidade e símbolo de macheza.

Dentro dessa estrutura, molda-se também um papel de dominação do homem através do machismo. Num primeiro momento, essas colocações oprimem mulheres, colocando homens, desde pequenos, num lugar simbólico que determina o poder social concebido pelo seu gênero. Porém, como falado anteriormente, as masculinidades, bem como as identidades masculinas, são combativas entre si

justamente pelos contrapontos construídos pelas estruturas socioculturais que cada um possui.

Nesse sentido, os meninos que não crescem absorvendo a conduta normativa são alvos, dentro de espaços e ambientes predominantemente masculinos, como detratores do gênero, sendo vistos como “menos homens” que os outros. Isso é reforçado com a falácia das compreensões de papéis de gênero que, ainda que já discutidas neste trabalho, ainda imperam muito na maneira como a sociedade brasileira (e por quê não ocidental?) enxerga homens e mulheres nas estruturas sociais.

É nesse contexto, de machismo e estruturas conservadoras de manutenções sociais em que debruçamos o nosso objeto de análise: o personagem Jove da telenovela Pantanal, da Rede Globo.

3 TELENOVELA, NARRATIVAS TELEVISIVAS E MÍDIAS SOCIAIS

Neste capítulo iremos abordar as telenovelas e suas respectivas narrativas, bem como seu impacto no contexto sociocultural, fazendo relação com o que já citamos no capítulo anterior, isto é: as contribuições dos Estudos culturais e a formação de identidades.

Adiante, falaremos brevemente sobre a perspectiva de representação nas telenovelas e do uso das redes sociais como espaço de discussão e fomentação dos discursos e conteúdos já apresentados na telenovela discutida em rede, sobretudo no twitter.

3.1 As telenovelas brasileiras e o seu papel social

Com mais de 70 anos no Brasil, a televisão brasileira é marcada por uma forte influência da telenovela, uma produção que conquistou o reconhecimento da população e é hoje um dos produtos de maior relevância e aceitação na televisão aberta.

Historicamente, a telenovela brasileira é, entre as diversas produções midiáticas, uma das maiores em termos de influência no Brasil. Sendo considerada um dos mais representativos fenômenos da modernidade nacional, a telenovela combina elementos arcaicos e modernos, possibilitando narrativas marcadas pela dialética nacionalidade-midiatização. Passando de uma narrativa nacional para um recurso comunicativo que vai muito além da arte de contar histórias (LOPES, 2011).

A telenovela não se trata, então, apenas de um produto midiático, mas sim de uma série de ideias e produções que, articuladas, contribuem para o desenvolvimento de uma narrativa ligada a nação que a assiste, sendo um produto estético e cultural central da cultura e da identidade brasileira (LOPES, 2009). Desse modo, as produções refletem algo que vai muito além do entretenimento, mas sim, passa a fazer parte do dia a dia do lugar-comum brasileiro, onde elementos trazidos em cena são discutidos por seus telespectadores.

Dentro do seu formato narrativo, a telenovela é capaz de comunicar representações culturais através dos seus personagens e histórias, proporcionando uma realidade assistida que reflete a identidade se não de uma, centenas de pessoas e desenvolver sensações por essas personas, sejam boas ou ruins. Considerada o gênero mais popular e rentável da televisão, a telenovela está

fortemente ligada a uma nova linguagem criada do hibridismo do rádio e do cinema. Marcada por críticas da realidade do país, a teledramaturgia também manifesta a intenção de emocionar através do drama costurado na narrativa de seus personagens.

A telenovela conta histórias de vida, e, através de personagens, tenta reproduzir fatos e acontecimentos da vida de pessoas reais, a fim de que as pessoas se identifiquem e acabem acompanhando o desenrolar dessas histórias. Essa narrativa, muitas vezes, transporta os receptores para um mundo fantasioso, pois, na maioria das histórias, personagens ricos são infelizes e de mau caráter, enquanto que os pobres são honestos e felizes, ou seja, há a ênfase dos extremos, os quais revelam somente uma das faces do ser humano. Vê-se, então, a presença de estereótipos, de relações, e de papéis sociais nesses enredos. (KEGLER e ARAUJO, 2007, p. 06)

Desse modo, a narrativa da ficção acaba incorporando em seus capítulos, o cotidiano vivido (salvo exceções de produções fantasiosas que exploram temáticas sobrenaturais, por exemplo). Conseqüentemente, os papéis sociais e as representações de gênero são performadas em cena, dando lugar para que a telenovela sirva como palco de identidades que certamente representam pessoas distintas que assistem à produção, que por sua vez caminha para mimetizar cada vez mais uma realidade próxima da nossa. Esse interesse pela conjuntura é acomodado à estrutura seriada e interativa do folhetim e mobiliza repetidamente o gênero melodramático como um produto cultural e dispositivo de comunicabilidade (MARTÍN-BARBERO, 1987), além de servir como um recurso comunicativo dentro da ficção, viabilizando discussões sobre problemas reais.

Mas, para além do entretenimento e das responsabilidades sociais inferidas ao formato, onde é uma das fontes de alta abrangência e aceitação nacional, as telenovelas são também objeto de comercialização, sendo vendidas para exibições em outros diversos países e continentes. Sobretudo a telenovela do horário nobre da emissora Rede Globo, que carrega consigo ao longo de décadas grandes números em termos de alcance e audiência. Isto é, possui uma ampla diversidade de público (apesar da classificação indicativa) e maiores números em termos absolutos em comparação a outras telenovelas, sejam elas de outras emissoras ou ainda dentro da própria Globo, mas em outra faixa de horário na programação diária.

Diante disso, surge a necessidade de se fazer da telenovela, um produto que seja bem recebido por outros países e conseqüentemente outras culturas. Daí, para além de uma produção milionária, algumas narrativas precisam ser adequadas para que novos públicos tenham boa adesão ao conteúdo produzido, como no caso de Avenida Brasil (2012), vendida para mais de 140 países e é recordista brasileira em comercialização, por exemplo¹. Outra grande produção que recentemente ganhou destaque em vendas e pode assumir a liderança, é o sucesso Pantanal (2022). Falaremos dela a seguir.

3.2 O fenômeno Pantanal e o personagem Jove em evidência

Há 33 anos a televisão brasileira servia de palco para um fenômeno de audiência. A telenovela Pantanal, de Benedito Ruy Barbosa, estreou na Rede Manchete em pleno horário nobre.

Pantanal, então, surge com a enorme repercussão que fez da trama original um verdadeiro marco que revolucionou o gênero, criando um "movimento de renovação da ficção seriada nacional", de acordo com Becker e Machado (2008), fugindo do cotidiano dos grandes centros urbanos, cenário comum das telenovelas da época, a produção apostava na vasta possibilidade da natureza, exibindo a fauna e a flora como elementos essenciais da trama. O sucesso foi tanto que rendeu, em 2022, um remake no horário nobre da Rede Globo.

Salientamos que a descrição a seguir, se refere pontualmente a telenovela mais atual e, para quando necessário falarmos sobre a versão original, iremos sinalizar que se trata da primeira versão.

Na trama, acompanhamos a história do peão Joventino e José Leôncio, seu filho que mais tarde se torna um grande fazendeiro da região do Pantanal. Durante os primeiros capítulos, Zé Leôncio, como é conhecido, se envolve com Madeleine, uma mulher de família rica do Rio de Janeiro e com um estilo de vida muito diferente de Zé. Os dois acabam se casando e tendo um filho juntos, o personagem Jove.

¹Matéria da Exame: "Avenida Brasil bate recordes e é vendida a 125 países". Disponível em: <https://exame.com/casual/avenida-brasil-bate-recordes-e-e-vendida-a-125-paises/>. Acesso em 12 de out. de 2023.

Porém, o casamento de Zé e Madeleine não dá certo e a moça volta para o Rio de Janeiro, levando seu filho junto. Anos se passam e Jove cresce sem conhecer Zé Leôncio e suas origens paternas, longe do pantanal.

Diferente dos homens do interior pantaneiro, Jove é um rapaz com a estética típica da cidade, com visual moderno e descolado, com interesses em artes (em especial na fotografia), é uma pessoa socialmente mais retraída, não consome carne na sua alimentação diária e tem uma personalidade sensível e é passível de emoções.

Trazendo à tona diversos modismos e problemas *millenials* e da Geração Z², o Jove apresenta em suas nuances, diversas questões que são realidades dentro da sua atual geração, bem como suas crises, conflitos pessoais e incertezas. A figura de Jove representa, tanto na telenovela de 2022 como na versão original, o reflexo das discussões referentes aos jovens de suas épocas.

A telenovela, de acordo com Lopes (2003), é capaz de trazer visibilidade a certos assuntos ou comportamentos, regulando as interseções através da ficção. O produto surge então para fomentar discussões. Através do Jove, nesse sentido, é possível discutir diversos assuntos como privilégios, saúde mental, ausência paterna ou masculinidades (que é o assunto em questão, que inclusive abarca um pouco de cada uma dessas questões, visto que todas elas contribuem para a formação desse processo).

3.3 Twitter como lugar de discussão

Para Jenkins (2009), com a chegada das novas mídias, os meios passam por um processo de convergência. Desse modo, novas práticas e maneiras de trocar informações e compartilhar conteúdos é repensada. Do meu ponto de vista, esse conceito já não está sequer mais aberto à discussão, uma vez que hoje, quase 15 anos depois, esse entendimento está tão naturalizado que a preocupação maior, hoje em dia (socialmente falando), é outra questão que Jenkins fala em sua obra:

² De acordo com Artese (2019), os *millenials* são pessoas que nasceram entre 1984 e 2004, estão adaptados às tecnologias, como televisão e redes sociais, por exemplo, e são consumistas, acostumados a encontrar o que querem de maneira mais fácil e rápida. Já a geração Z compreende quem nasceu de 2005 até os dias atuais, e pode ser vista como pessoas que já nasceram com a praticidade dos *smartphones*, mas que ainda é muito cedo para definir padrões de comportamento.

como essas novas mídias convergem com as nossas práticas rotineiras da vida cotidiana.

As mídias digitais são hoje entendidas como parte quase fundamental dentro da vida do sujeito atual. Não se fala mais apenas sobre como aparelhos tecnológicos (como televisores, internet, computadores e smartphones, por exemplo) fazem parte do nosso cotidiano, muito porque eles por si só são apenas máquinas. A questão principal, ao menos para esse trabalho e boa parte daqueles que têm um olhar sociocultural para a temática, é a sociabilidade e o que isso impacta na construção das relações. É nesse sentido que levamos a discussão para outro olhar: as redes sociais.

As redes sociais atuam como espaço de compartilhamento da vida e de ideias através de publicações variadas que podem ser dos mais diversos recursos (textos, músicas, vídeos ou imagens). Nesse sentido, o telespectador, que nunca foi passivo, passa a ter ainda mais possibilidades de interagir e construir conteúdos sobre o que ele consome. Isto é, se antes esperávamos o dia seguinte para comentar o capítulo de uma novela com nossos amigos, com o uso das redes sociais passamos a estar em um espaço em que essa troca pode acontecer conforme assistimos.

As mídias digitais têm promovido uma revolução significativa na maneira como as pessoas se comunicam e interagem, estabelecendo um ambiente propício para o compartilhamento de opiniões. Todas elas possuem características e tendências de linguagem próprias. Com o Twitter (rede social utilizada para coletar os discursos para este trabalho) não é diferente.

O Twitter é uma rede social criada em 2006 que funciona como plataforma para compartilhar atualizações pessoais em textos breves de até 280 caracteres, através dos tweets. Essa rede social se destaca pela versatilidade de sua usabilidade. Isto é, ela oferece possibilidades de recursos de um microblog e possibilita a conexão dos usuários não apenas por suas relações em si, mas pelos interesses em comum.

Embora o Twitter proporcione um ambiente propício para a diversidade de vozes, permitindo que diversos grupos e indivíduos se expressem e compartilhem suas perspectivas, é importante reconhecer que a produção de conteúdo nessa rede social também pode ser uma maneira de reforçar preconceitos e perpetuar estereótipos. A apropriação de narrativas pode ocorrer, colocando as vozes

minoritárias em um lugar de reprodução de discursos hegemônicos ou ainda fazendo com que esses grupos sejam silenciados nas suas tentativas de produção de seus próprios sentidos e opiniões no contexto das mídias digitais.

4 EXPLORANDO PANTANAL E AS REDES: METODOLOGIA E DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

Neste capítulo delimitamos o objeto de pesquisa bem como a maneira que realizaremos a análise deste material. Neste sentido, apresentamos os aspectos metodológicos escolhidos, as ferramentas utilizadas para a coleta de dados da pesquisa e os temas abordados dentro dos capítulos analisados utilizando de uma compreensão analítica sobre o enredo e os personagens relevantes para a análise. Para isso, construímos seções temáticas que falam acerca do objeto da pesquisa, a sua natureza e os métodos adotados para sua realização.

4.1 O enredo de Pantanal e os capítulos selecionados

Para realizar o trabalho de análise e coleta, selecionamos os capítulos que dão início a fase adulta de Jove, personagem central da trama de Pantanal, bem como os tweets postados no período de exibição dos respectivos capítulos.

Mas, para contextualizar os capítulos utilizados para análise, faremos um breve resumo dos acontecimentos que antecedem o objeto em questão.

Criada por Benedito Ruy Barbosa e transmitida com notável êxito pela TV Manchete em 1990, a narrativa de Pantanal recebeu uma nova produção em uma adaptação conduzida por Bruno Luperi, neto do autor, sob direção artística de Rogério Gomes. A trama, por sua vez, configura-se como uma épica saga familiar, na qual o amor se erige como elo unificador, ao passo que a majestosa natureza assume o papel de protagonista.

Na primeira fase, somos levados à história de Joventino (interpretado por Irandhir Santos) e seu filho, José Leôncio (Renato Góes na juventude e Marcos Palmeira quando mais velho). A vida árdua como peão de comitiva os conduziu ao Pantanal, onde Joventino aprende uma lição que muda para sempre os rumos da história dele próprio e seu filho: a natureza possui uma força que transcende a do próprio homem. Joventino então, desaparece e cabe a José Leôncio dar continuidade ao trabalho de seu pai, tornando-se o novo “rei do Pantanal”.

Durante uma viagem ao Rio de Janeiro, José Leôncio se apaixona perdidamente por Madeleine (interpretada por Bruna Linzmeyer na juventude e Karine Teles mais tarde). Eles se casam rapidamente e estabelecem seu lar no

Pantanal, onde o pequeno Jove (interpretado por Jesuíta Barbosa em sua fase adulta) vem ao mundo, trazendo consigo muita alegria, especialmente para seu pai. José Leôncio tem muitas expectativas para que Jove siga seu legado no Pantanal e seja o filho modelo que ele foi (ou ao menos tentou ser) para o seu pai.

Porém, as diferenças óbvias entre José Leôncio e Madeleine fazem com que o casamento tenha fim. Madeleine, típica garota jovem rica do centro urbano do Rio de Janeiro, não se adapta a vida de passividade em relação ao seu marido e tampouco gosta do estilo de vida pantaneiro. José Leôncio, por outro lado, carrega em si uma criação característica dos homens do interior, marcada pela violência, virilidade e a devoção ao trabalho braçal, bem como a rigidez e o senso de dominador por representar o papel masculino tipicamente aplicado ao conceito familiar dos formatos mais tradicionais de família.

É justamente esses fatores conflitantes que resultam em Madeleine abandonando o pantanal carregando em seus braços o bebê Jove, resultando em um rompimento não apenas dela com o seu então marido, mas de seu filho com seu pai, que ao ir atrás do seu filho no Rio de Janeiro, acaba retornando sozinho e passa então apenas a enviar dinheiro para a criação de Jove, sem nunca mais vê-lo.

Aproveito para elucidar: para muitos telespectadores, Madeleine pode ter errado ao fugir com seu filho. Para outros, não. Porém, não entrarei nesse mérito de discussão, apenas apresentarei a sequência de fatos da narrativa para chegarmos aos capítulos relevantes para a análise e discussão.

Os anos passam, José Leôncio continua no pantanal, sendo o homem mais rico da região e criando um império com seu trabalho pecuário. Enquanto no Rio de Janeiro, Jove cresceu sem conhecer seu pai, acreditando que este estivesse morto, e se tornou um jovem adulto comum dentro da normalidade carioca, com anseios, desejos, frustrações e traumas, como falarei em breve neste capítulo.

Ao descobrir a verdade sobre José Leôncio, Jove decide entrar em contato através de uma carta e, apesar de receber uma resposta curta que causa estranhamento na sua percepção sobre o pai, decide visitá-lo no pantanal para conhecê-lo também como uma tentativa de se autoconhecer.

E é a partir desse momento (de passagem de tempo na história), que iniciamos uma análise mais crítica, ainda que toda a descrição detalhada até aqui carregue em si um olhar analítico sobre a trama.

Os tweets analisados, bem como os capítulos da novela Pantanal, estão situados nas exibições entre o dia 12 de abril a 21 de abril de 2022, nos quais acompanhamos Jove da cidade grande até o José Leôncio e o conflito inicial com seu pai, bem como os moradores do pantanal que sentem o estranhamento dessa nova figura por perto.

Dentro do recorte de capítulos utilizados para a elaboração dessa análise, é possível observar uma série de temáticas que englobam questões que determinam um padrão de identidade masculina muito socialmente conhecida e associada ao típico "homem macho". A macheza, no enfoque do senso comum dos personagens que estão inseridos no núcleo pantaneiro, está vinculada a práticas culturais que fazem a manutenção da relação de poder do homem-trabalhador-viril-valente.

Desse modo, construímos o quadro a seguir para exemplificar como cada capítulo costura as percepções do que é concebido como o “ser homem” com a inserção de Joventino (o Jove) no núcleo do pantanal, utilizando o resumo oficial da telenovela disponibilizado no site da Rede Globo.

Quadro 1: Sinopse dos capítulos analisados

Capítulo	Resumo oficial
Capítulo 14 (exibido em 12/04/2022)	Mariana sofre com a morte de Antero. Joventino questiona Irma sobre a mentira que seu avô disse que a família contou para ele. Passam-se vinte anos. José Leôncio contrata Tibério para comandar os peões. Lúcio tenta convencer Muda a esquecer sua vingança contra Gil e Maria. Madeleine culpa Irma por ser má influência para Joventino. Lúcio desiste de ajudar com a vingança de Muda. Tadeu reclama de não ter sido escolhido para administrar a fazenda. Maria Marruá encontra Muda perdida em frente a sua tapera.
Capítulo 15 (exibido em 13/04/2022)	Muda finge não falar e Juma pede para que a mãe não atire nela. José Leôncio avisa a Tibério para se manter afastado de Maria Marruá. Lúcio decide ficar no Pantanal por causa de Muda. Maria Marruá flagra Muda tentando pegar sua espingarda. Madeleine leva Joventino a um terapeuta e ele estranha o comportamento da mãe. Maria Marruá some e Juma desconfia de Muda. Lúcio luta contra a onça Marruá. Tibério e Tadeu encontram o jagunço quase morto na beira do rio. Madeleine convida Gustavo para jantar. Mariana flagra Nayara e Joventino juntos. Juma enterra a mãe. Joventino encontra cartas de José Leôncio no quarto de Irma.
Capítulo 16 (exibido em 14/04/2022)	Irma tenta se explicar para Joventino e incentiva o rapaz a escrever para o pai. Tibério e Tadeu desconfiam da história de Lúcio. Madeleine descobre que Joventino escreveu para o pai. Juma ouve uma onça perto da casa e acredita ser sua mãe. Lúcio aparece na casa de Juma e Muda manda ele ir embora. Madeleine confronta Joventino. Guta chega à casa de Tenório e tem um embate com Alcides. Tibério questiona Lúcio, que fica intimidado. O jagunço ameaça Muda para matar Juma. Guta enfrenta Tenório. Juma sofre com a perda da mãe e Muda a consola. Ari leva a carta de Joventino para José Leôncio. O Velho do Rio aparece para Lúcio.

Capítulo 17 (exibido em 15/04/2022)	Lúcio morre. José Leôncio visita a fazenda de Tenório. Alcides corre pelos campos atrás de Guta. José Leôncio se emociona com a carta de Joventino e Tadeu não consegue esconder o ciúme. Joventino acerta os detalhes de sua ida para o Pantanal. José Leôncio decide fazer uma festa para receber o filho. Mariana teme ficar sem o dinheiro que recebe do genro e Irma fala com o sobrinho. Tibério vai à casa de Maria Marruá e descobre que ela foi assassinada. José Leôncio manda limparem a sela que era de seu pai e Tadeu se oferece para fazer o serviço.
Capítulo 18 (exibido em 16/04/2022)	José Leôncio conta histórias sobre o seu pai em volta da fogueira. Levi tenta intrigar Tadeu com o irmão. Joventino chama Irma para ir com ele para o Pantanal. José Leôncio avisa a Filó que não quer que o filho saiba que tem um irmão. Guta decide sair e Alcides se prepara para ir com ela. Tenório pensa em juntar a filha com Joventino. Tadeu leva Joventino para a fazenda. Juma se assusta ao ver o avião. Joventino e Zé Leôncio se abraçam emocionados. Madeleine se lamenta com Gustavo. Joventino e José Leôncio começam a perceber suas diferenças.
Capítulo 19 (exibido em 18/04/2022)	Jove diz a José Leôncio que não tem a intenção de viver no Pantanal. Muda fica aterrorizada ao ouvir o Velho do Rio contar para Juma sobre a morte do jagunço que matou Maria Marruá. José Leôncio se emociona quando Jove pede para Tibério tocar uma música que o avô gostava. Juma ameaça Muda ao vê-la com a espingarda apontada para a onça Marruá. Guta enfrenta Tenório. Tadeu reclama de José Leôncio para Filó. Juma e Muda brincam nas águas do rio. Tenório e José Leôncio sentem o bom entendimento entre seus filhos. Tibério e Tadeu falam de Juma para Jove, que fica curioso. Tadeu leva Jove até a tapera de Juma.
Capítulo 20 (exibido em 19/04/2022)	Juma expulsa Tadeu e Jove. José Leôncio pede que Tibério ajude seu filho a perder o medo de cavalo. Jove questiona Tadeu sobre Filó e José Leôncio. Nayara rouba o HD do computador do ex-namorado. Tenório questiona José Leôncio sobre a lida com bois. Jove leva Guta até a tapera de Juma. Jove e Guta tomam banho de rio. Juma e Muda veem os dois e roubam suas roupas. Tibério critica Tadeu por não ter coragem de se declarar para Guta. Juma cheira as roupas de Jove. José Leôncio e Tenório se preocupam com os filhos. Guta decide se abrir com Jove.
Capítulo 21 (exibido em 20/04/2022)	Guta e Jove saem do rio e descobrem que suas roupas foram roubadas. Tibério tenta ensinar Jove a montar. Guta revela para Tenório que se envolveu com o filho de José Leôncio. Jove ouve as reclamações do pai sobre ele e pensa em voltar para o Rio de Janeiro. José Leôncio viaja para São Paulo. Jove decide ir para o ninhal sozinho e Tibério não consegue impedi-lo. José Leôncio discute com Tadeu. Filó critica Tibério por ter deixado Jove ir sozinho para ninhal. Maria pede que Tenório converse com Guta sobre Jove. O Velho do Rio vê o barco de Jove ancorado no ninhal. Tadeu reclama da presença do irmão na fazenda. Jove é picado por uma cobra.
Capítulo 22 (exibido em 21/04/2022)	Jove não vê a cobra, mas sente a picada e desmaia. Uma sucuri gigante aparece e envolve todo o seu corpo. José Leôncio se reúne com Davi e Matilde na empresa. Filó manda Tibério procurar Jove. Madeleine descobre que Nayara invadiu o perfil do filho e fica furiosa. Tibério encontra o barco e a faca de Jove e Filó se desespera. Tadeu tenta avisar a José Leôncio do sumiço do irmão. Guta confronta Tenório e o questiona sobre sua outra família. José Leôncio descobre do desaparecimento de Jove. Gustavo discute com Madeleine e vai embora. O Velho do Rio pede ajuda a Juma.

A escolha dos capítulos se deu de maneira intencional, pois dentro desse recorte do enredo está situado o momento inicial em que o personagem Jove se insere em um novo contexto (o pantanal).

Dessa forma, é possível notar as diferenças no tratamento e na maneira de perceberem o personagem Jove, sendo possível também acompanhar a maneira como o seu comportamento influencia nas relações que ele tem com alguns dos outros personagens da trama.

Dentro do recorte feito, é possível ver o personagem enquadrado em um contexto comum para ele (a cidade grande) e o novo espaço (pantanal) em que ele passa a ocupar, causando os principais conflitos que falaremos no capítulo a seguir.

4.2 Natureza da pesquisa e métodos utilizados

Elaboramos o trabalho com o intuito de analisar o conteúdo dentro da narrativa da telenovela, assim como nas postagens do Twitter em uma perspectiva pré-estabelecida dos Estudos Culturais. Dentro do campo social e humano, não é possível quantificar dados sem qualificá-los, pois as categorizações, atribuídas por nós, dependem do mundo social.

Para isso, a pesquisa escolhida foi de caráter qualitativo estabelecido por Bauer e Gaskell (2015) que leva em conta a interpretação e a realidade social para elaborar a análise de dados, acreditando ser esse o caminho mais lógico para que se possa discutir o conteúdo abordado no material do objeto da pesquisa.

Afinal, verificar de qual maneira as pessoas atribuem percepções sobre algo passa pelo critério qualitativo do conhecimento empírico, tornando a relação entre conceito e fenômeno associadas. Para esse trabalho, levamos em conta as compreensões acerca de significações, simbologias e representações dentro de nossa análise dos conteúdos que necessitam de um olhar crítico por serem diversificados em seus formatos, discursos e intenções. Desse modo, sobre a pesquisa no campo social é importante compreender o seguinte:

É necessário ter uma noção das distinções qualitativas entre categorias sociais, antes que se possa medir quantas pessoas pertencem a uma ou outra categoria. Se alguém quer saber a distribuição de cores num jardim de flores, deve primeiramente identificar o conjunto de cores que existem no jardim; somente depois disso pode-se começar a contar as flores de determinada cor. O mesmo é verdade para fatos sociais. (BAUER e GASKELL, 2015, p. 24)

Nesse contexto, nossa coleta de tweets para a análise desconsiderou a questão quantitativa. Os termos utilizados para a pesquisa foram “#Pantanal” e “Jove”, que estiveram com frequência entre os assuntos mais comentados durante o horário de exibição dos capítulos e contribuíram para tornar a telenovela Pantanal a novela mais comentada no Twitter em 2022³.

Utilizamos então, a própria ferramenta de busca do Twitter, que permite delimitar o termo e o período em que os tweets foram postados (de 12 de abril de 2022 a 21 de abril de 2022). A partir dessa pesquisa, a rede social entrega uma lista de conteúdos ordenada por “Principais” ou “Mais recentes”. Desse modo, optamos pela opção “principais” levando em conta que esse conteúdo é apontado pela rede social como mais relevante. Ao todo foram considerados os primeiros 50 tweets de cada pesquisa realizada durante o mês de junho de 2022. Em muitos deles os dois termos estavam sendo utilizados juntos, o que fez com que esses tweets aparecessem nas duas pesquisas.

A partir disso, levamos em conta o sentido das mensagens e os seus formatos, buscando trabalhar a análise através de texto e imagem, compreendendo também as referências prévias da cultura popular atual já inseridas no contexto do Twitter. Com isso, coletamos 20 tweets, reduzindo-os para 10 na seleção final, delimitando o tema do trabalho.

Desse modo, utilizamos o enredo do personagem Joventino (Jove) e também os tweets coletados para realizar a nossa análise de conteúdo que, segundo Bardin (2011), consiste em uma técnica metodológica que pode ser aplicada em diversos tipos de discurso e em todas as práticas de comunicação, independente de qual é a origem da mensagem e onde ela está inserida. Ainda na perspectiva do autor, somos apresentados aos critérios de categorização, que é uma forma de pensamento que reflete a realidade e determina agrupamentos pré-estabelecidos através de critérios semânticos, sintáticos, léxicos e expressivos. Assim, é possível unir e organizar o conteúdo e classificar tais elementos.

Além disso, o trabalho realizado através da análise do conteúdo passa por:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência

³ Matéria da Revista Quem: “Pantanal é a novela mais comentada no twitter em 2022”. Disponível em <https://revistaquem.globo.com/TV-e-Novelas/Pantanal/noticia/2022/07/pantanal-e-novela-mais-comentada-no-twitter-em-2022.html>. Acesso em: 14 de jun. de 2023.

de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 2011, p. 47)

A inferência, nesse sentido, possibilita que a pesquisa possa extrair informações sobre a mensagem através da análise crítica do conteúdo.

Passamos então a realizar a análise do objeto no capítulo seguinte, levando em conta os Estudos Culturais em um viés qualitativo da nossa análise de conteúdo já previamente conceituados no trabalho em relação aos capítulos selecionados de Pantanal, bem como os tweets realizados durante o período de exibição da novela.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO: JOVE NA PERSPECTIVA DA FICÇÃO E DO TWITTER

Neste capítulo, iremos trazer para discussão os capítulos da telenovela escolhidos específicos para a análise, com foco na trama do personagem Jove, bem como os tweets selecionados com base nos processos de seleção previamente apontados no capítulo anterior deste trabalho.

Dessa forma, dividimos esta seção por assuntos, com o intuito de conectar as informações. Assim, faremos um panorama sobre a trama dos capítulos selecionados; a personalidade de José Leôncio; a construção do personagem Jove; os contextos em que o personagem Jove aparece nos capítulos e como ele é retratado e por fim a análise dos tweets.

5.1 Análise da trama de Pantanal

Pantanal, enquanto narrativa, cruza elementos sobrenaturais em sua história. Nesses casos, a trama usa do irreal como um simbolismo aliados de recursos técnicos como a sonoplastia captada direta no bioma para estabelecer uma relação entre personagens e o pantanal em si, evidenciando a natureza e tornando-a parte da trama.

Os capítulos escolhidos para a análise de Pantanal se dividem em dois lugares diferentes: no Rio de Janeiro e no pantanal. A trama, por sua vez, é centrada em poucos núcleos de personagens, dando possibilidade de apresentar cenas mais longas e desenvolvimentos mais profundos dentro de cada um dos enredos, tornando cada capítulo da novela uma produção extremamente rica, densa e, por vezes, até mesmo cansativa.

No cenário pantaneiro temos Juma, Maria Marruá e a Muda; Tenório, sua esposa Maria, sua filha Guta e seu capataz Alcides; José Leôncio, sua segunda esposa, Filó (embora não oficialmente), seu filho não assumido Tadeu e os seus peões. Nesse contexto, todos os núcleos se interligam e se conectam através principalmente por Jove, que inicialmente está na capital carioca morando com sua mãe, avó e tia..

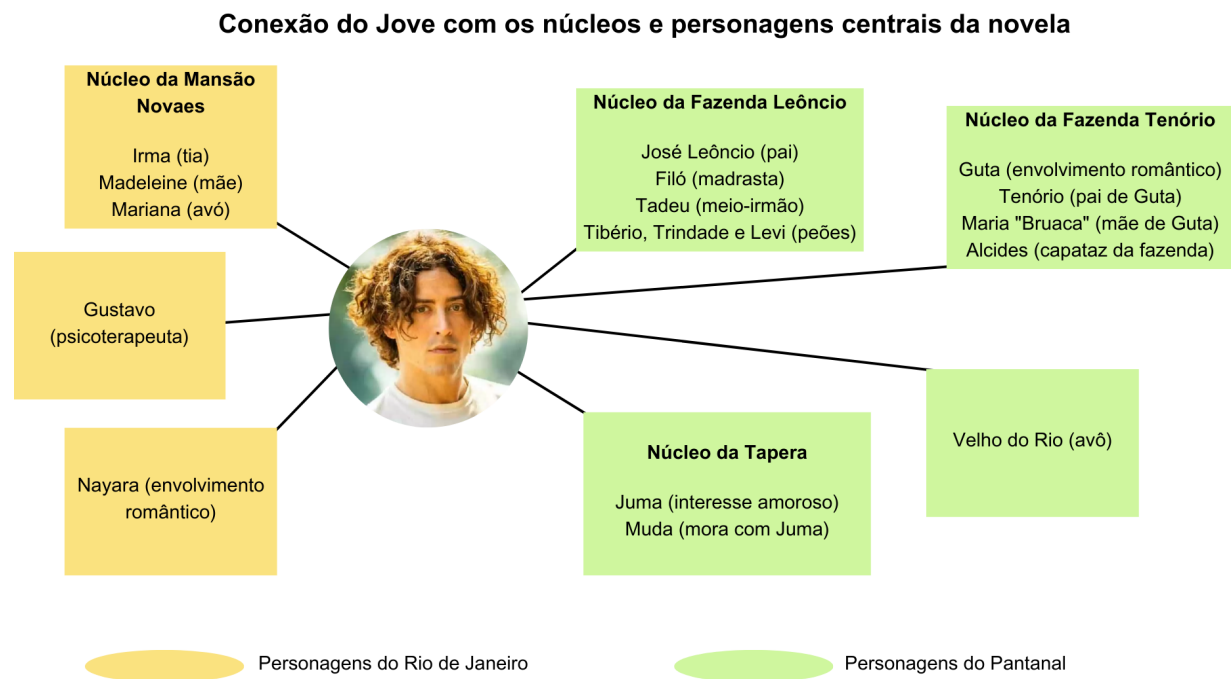
No Rio de Janeiro a narrativa funciona a partir da Madeleine (esposa de José Leôncio, embora não haja mais relacionamento entre os dois), sua irmã Irma, sua

mãe e seu filho Joventino (Jove). Além desse núcleo, também é válido lembrar Nayara, uma menina que configura um relacionamento casual com Jove; e Gustavo, psicólogo e amante de Madeleine que acaba sendo o terapeuta de Jove.

Em ambos os contextos, é possível perceber que todos os núcleos se conectam diretamente com Jove, como mostra a imagem abaixo. Seja no Rio de Janeiro ou interior do pantanal, o personagem serve como o fio condutor do conflito inicial de todo o início da segunda fase da trama, apresentando novas questões para os personagens inseridos naquela narrativa.

Desse modo, é perceptível o quanto a narrativa de Pantanal, ao menos nos capítulos analisados, depende de Jove para acontecer.

Figura 1: Mapa mental elaborado a partir da análise dos capítulos.



Fonte: o autor.

Inicialmente e para a execução dessa análise, levamos em conta o principal conflito da primeira fase: a conturbada relação de Jove e seu pai.

Nesse sentido, os estranhamentos, principalmente em José Leôncio sobre a forma de seu filho ser, tornam o desejo inicial da aproximação entre os dois, um problema para ambos ocasionados pelas diferenças entre os personagens e suas respectivas maneiras de serem.

5.1.1 José Leôncio

O personagem nos é apresentado já no primeiro capítulo da novela, tendo sido criado por seu pai, um peão em comitiva na região central do país e inserido neste contexto de trabalho desde muito cedo. E, apesar do recorte dos capítulos para este trabalho situar um José Leôncio já adulto envelhecido, compreendemos como necessário traçar o perfil desse personagem desde o começo da sua história para podermos analisar sua relação com seu filho mais tarde (ver Figura 2). Desse modo, não buscamos conteúdos no twitter sobre esse período, apenas detalhamos a construção de José Leôncio enquanto personagem.

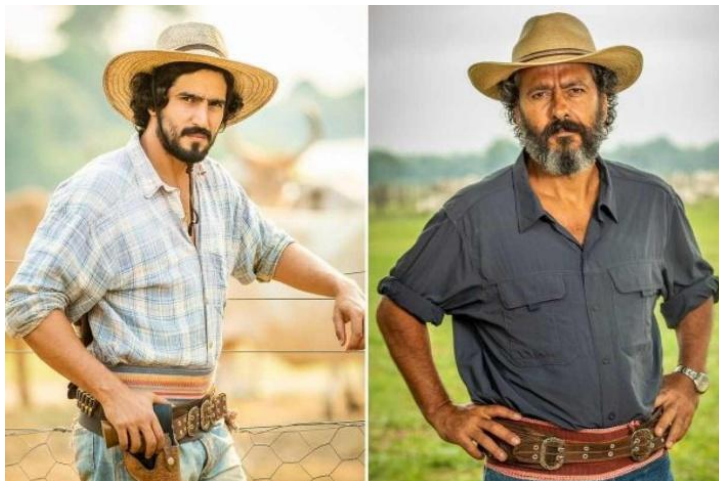
Criado com muitos aprendizados sobre a vida no trabalho de peão por seu pai e sem a presença de figuras femininas no seu crescimento, José Leôncio teve em seu pai o exemplo a ser seguido em valores, profissão e percepções sobre a vida.

Mais tarde, quando seu pai desaparece e em sequência de fatos seu filho é levado embora, José Leôncio passa a carregar essa dor consigo para sempre. Somos apresentados, então, para a versão da segunda fase do personagem, sendo esse homem mais velho, triste, sério, com dificuldades de se expressar, por vezes intolerante e frustrado por nunca ser, para nenhum de seus filhos, o que seu pai pode ser para ele.

Contudo, é importante frisar que o personagem não se torna um vilão da história, pois suas intenções não são pautadas na maldade para ganho próprio. José Leôncio tem seus princípios, é honesto, generoso, focado em seu trabalho e vive para seguir os passos do seu pai. É falho com seus filhos, não assumindo um e não mantendo contato com outro, mas não é retratado como alguém potencialmente ruim, como, por exemplo, Tenório, seu vizinho.

É apenas a maneira como ele aprendeu a lidar com as suas próprias questões e é como ele aprendeu que existe de ser homem.

Figura 2: José Leôncio interpretado por Renato Góes e Marcos Palmeira.



Fonte: Tv História

5.2 Joventino (Jove)

Nascido no pantanal sem qualquer recurso médico, Jove é fruto de um relacionamento falido de seus pais. Madeleine, sua mãe, teve uma experiência muito negativa em seu casamento com José Leôncio, tornando o seu momento no pantanal um período ruim para ela. Seu pai, por sua vez, acostumado com a vida pantaneira e com muitas expectativas a respeito de seu filho ser para si o que ele tivera sido para seu pai, leva Jove andar no cavalo em sua primeira noite de recém nascido. Mais tarde, esse fato se mostra ainda presente na vida de Jove, mas em forma de um trauma caracterizado pelo medo que ele tem por montaria.

Com o casamento fracassado, Madeleine leva seu filho embora com ela, voltando para o Rio de Janeiro. Jove então, cresce longe do pantanal e de qualquer influência de seu pai na criação, com a informação falsa dada pela sua mãe de que seu pai está morto.

Criado majoritariamente por mulheres (tendo perdido o seu avô ainda na infância), Jove apresenta, na vida adulta, uma mente conflituosa sobre quem ele é. Isso fica evidenciado em seus planos, suas inconstâncias nas escolhas profissionais, suas reflexões e conversas com sua tia, que por sua vez acaba tendo uma importância maior para Jove do que sua própria mãe, com quem ele tem

estabelecida uma relação conflituosa na qual ela sabe pouco sobre ele e o diálogo é quase inexistente. Em determinado momento, Jove verbaliza que a terapia nunca foi capaz de descobrir qual era o seu problema, deixando claro que de fato o personagem possui sofrimentos psíquicos complexos.

Ao descobrir a verdade sobre seu pai estar vivo, Jove decide ir conhecê-lo na tentativa de estabelecer uma relação com seu pai e principalmente conhecer mais sobre si. Nessa decisão, Jove embarca em uma viagem para o pantanal, onde é recepcionado por seu pai peão, José Leôncio.

Figura 3: Jove (interpretado por Jesuíta Barbosa).



Fonte: UOL

5.2.1 Jove no Rio de Janeiro *versus* Jove no pantanal

Nos primeiros 5 capítulos utilizados para a análise deste trabalho, Jove está situado no Rio de Janeiro. É possível perceber uma preocupação por parte de sua família quanto ao futuro do rapaz, sobre suas desistências dos cursos de graduação, sua condição psíquica e suas escolhas quanto a esportes radicais considerados perigosos. Jove, por sua vez, não parece se importar muito com nenhuma dessas questões. Ao invés disso, o personagem demonstra interesse em fotografia, evidenciando uma sensibilidade através das lentes.

Como sugere a matéria do G1 na imagem abaixo, essas questões fazem com que o personagem seja o reflexo de um comportamento tido como comum pela geração Z, em que as identidades são mais fluídas em relação aos seus desejos. Isto é, não enxergam a necessidade de se manterem fiéis a uma escolha se ela já não parecer ter sentido para si próprios.

Figura 4: Captura de tela do site G1



Fonte: o autor.

No personagem, esse reflexo do comportamento geracional se dá em todas as suas relações com o outro e consigo mesmo. De um lado, sua dificuldade de lidar com a frustração (uma questão recorrente como a matéria apresenta), do outro suas incertezas e necessidades de autorreflexão.

Tudo isso contribui para trazer identificação do Jove para um público mais jovem e ao mesmo tempo apresentar um contraste em relação aos demais personagens da trama.

Porém, no contexto carioca, apesar de existir uma série de conflitos acerca do personagem Jove em relação a sua forma de ver e levar a vida, sua masculinidade nunca é colocada em cheque por nenhum personagem, sua sexualidade não é questionada e seus princípios não são julgados, diferente do que acontece no pantanal, quando o personagem vai de encontro ao seu pai.

5.3 Jove, os homens do pantanal e o conflito entre suas identidades masculinas

Ao visitar o pantanal, Jove encontra diversas pessoas, todas muito diferentes em suas maneiras de ser em comparação a ele, sendo essa diferença evidenciada especialmente em relação aos outros personagens masculinos. Falaremos sobre isso a seguir.

Jove encontra seu pai-peão. José Leôncio, por sua vez, recebe o filho criado na cidade grande. É nesse contexto em que as questões relacionadas aos laços familiares são potencializadas, como a saudade e a expectativa, ao mesmo tempo que as distintas realidades de socialização dos dois personagens se chocam.

Isso acontece porque as normalidades entre os dois personagens não são exatamente iguais. Interna e externamente eles são diferentes e é essa diferença que marca o conflito que nem sempre é intencional.

É possível perceber o conflito estabelecido pelas diferenças entre eles a partir da expectativa criada sobre o outro antes mesmo do primeiro contato físico entre os personagens. No quarto capítulo utilizado para a análise (capítulo 17 da telenovela), Jove fica extremamente desapontado com a maneira que seu pai responde seu e-mail fazendo com que ele se sinta frustrado com a falta de palavras no corpo do texto. José Leôncio, por sua vez, usa apenas a frase “venha filho, te espero. Seu pai-peão” porque tem receio de falar algo que faça seu filho não gostar dele ou cause constrangimento. Pois para José, seu filho Joventino já deve ser doutor.

Nesse trecho já é possível supor que a relação inicial dos dois personagens não será fácil. José Leôncio é um homem de poucas palavras, mas com expectativas específicas sobre seu filho. Jove, por outro lado, não supõe que a falta de palavras de seu pai signifique falta de estudos ou dificuldade para se expressar, crendo apenas que a resposta que teve representa um desinteresse. À medida que o filho parece não saber o que esperar de seu pai, a lógica é inversamente proporcional. A partir daqui, para que a análise se distribua em eixos temáticos que tornam a leitura mais organizada, iremos separar os capítulos restantes em 2 subtítulos, recorrendo a capítulos anteriores quando necessário para contextualizações pontuais.

5.3.1 Análise dos capítulos: a expectativa, a festa e a frustração

Idealizando quem Jove é, no quinto e sexto capítulos analisados (capítulo 18 e 19 da trama) José Leôncio faz uma festa surpresa para recepcionar seu filho, convidando todos os vizinhos próximos de sua fazenda para celebrar o momento de uma maneira muito tradicional do interior: música, churrasco e cerveja.

Esse momento possibilita compreender que, mesmo nas melhores intenções como as de José Leôncio, seus parâmetros de certo e errado, bom e ruim não são os mesmos. E mais do que isso, José Leôncio, até mais do que Jove, parece atribuir como verdade universal suas próprias percepções.

Isso se dá porque José Leôncio nunca conheceu outra forma de ser e agir. A festa é a maneira que ele aprendeu a celebrar momentos como esse. Não passa na sua cabeça alguém não gostar daquilo que lhe parece comum e trata como norma.

As imagens que contextualizam as cenas da festa conseguem captar exatamente a maneira simples do interior ao mesmo tempo em que deixam evidente práticas comuns entre as pessoas situadas nesse espaço. O fogo de chão para assar o churrasco, as rodas de viola, as danças em pares e a carne sendo segurada diretamente pelas mãos de alguns personagens na hora de comer conseguem definir alguns costumes que nos ajudam a fazer uma leitura visual acerca das sociabilidades presentes na cultura do interior. Ainda, esses momentos servem também para marcar o contraste em relação ao Jove e as cenas que virão a seguir.

Na festa, Jove, apesar de estar interagindo com quem seu pai apresenta, aparenta se sentir deslocado. Afinal, ele não conhece ninguém, as músicas que estão sendo colocadas não são do seu repertório cultural e ele não sabe dançar. Mas, tudo fica ainda pior quando seu pai insiste que ele experimente o churrasco e ele revela ser vegetariano.

O ato de não comer carne para Jove representa uma série de princípios que ele visa, não querendo contribuir com o sofrimento animal, por exemplo. Para José Leôncio, seu filho não comer carne é considerado uma desfeita e uma forma de desvalorizar o seu trabalho como pecuarista. Mas, a questão vai além disso.

O consumo de carne tem sido frequentemente associado à masculinidade hegemônica em muitas culturas e sociedades, e na compreensão do homem do interior, isso não é diferente. A ideia de que os homens devem ser grandes consumidores de carne está enraizada em estereótipos de gênero de tempos antigos e continuam a ser reforçados por diversas influências culturais. Esse vínculo entre carne e masculinidade hegemônica pode ser explicado por vários fatores socioculturais, históricos e psicológicos.

Na obra de Carol J. Adams intitulada “A Política Sexual da Carne”, de maneira geral, a autora faz essa relação do consumo da carne com a masculinidade hegemônica (isto é, aquela que enquadra apenas homens cis e heterossexuais).

De acordo com a mitologia da cultura patriarcal, a carne promove a força; atingem-se os atributos da masculinidade comendo esses alimentos masculinos [...] embora esportistas vegetarianos - inclusive levantadores de peso e boxeadores - tenham demonstrado que a identificação é falaciosa, o mito permanece: os homens são fortes, os homens precisam ser fortes, logo, os homens precisam de carne. (ADAMS, 1990, p.56-57)

A compreensão de Adams reforça que, para José Leôncio, o consumo de carne está associado ao que ele compreende que faz parte do campo simbólico do que significa “ser homem”. Logo, Jove não comer carne faz com que ele fuja da regra e seja considerado “menos homem” do que os homens do pantanal.

A masculinidade é um conceito complexo e multifacetado, influenciado por fatores culturais, sociais e individuais. Cada homem possui uma construção própria moldada por suas experiências, valores, crenças e educação. Por isso, a expectativa criada por José Leôncio sobre Jove ser igual a ele é irracional e utópica, pois suas vivências não chegam perto de serem ao menos parecidas.

Mas, não é apenas José Leôncio que tem problemas com a chegada de Jove. Durante a festa de recepção, Alcides se incomoda com a presença do novato, chamando ele de “frozô” e mais tarde entra em confronto com ele.

Não existe uma definição para a expressão, mas ao analisar a morfologia da palavra, “frozô” deriva de “flor” - que está culturalmente associada ao feminino. O contexto em que a palavra é utilizada também ajuda a entender o sentido da mesma, e assim, a expressão surge com cunho homofóbico e serve como tentativa de ridicularizar o homem que não tem o mesmo tipo de masculinidade que os homens do pantanal e inferiorizá-lo em relação aos outros.

Quando Alcides vê Guta dançando com Jove na festa, ele se aproxima para separá-los e tenta tirar a moça para dançar. Anteriormente ele já havia demonstrado interesse por ela, que o rejeitou, e ao vê-la com um sujeito tão diferente dele, magro, menor e aparentemente menos “másculo”, é possível identificar uma certa dor em seu ego ferido, pois Alcides parece se enxergar como o pacote completo de tudo aquilo que ele imagina que um homem deve ser e que toda mulher que se relaciona com homens pode querer em um companheiro.

Ao abordar a garota, Alcides tenta forçá-la a dançar com ele, dizendo para ela “dançar com quem entende”, em uma tentativa de reafirmar sua masculinidade a partir da diferença entre ele e Jove, que tem uma postura mais rígida em relação a dança comum de viola. Porém, a moça obviamente não reage bem a brutalidade do

peão e diga “não”, o que faz com que Jove também se manifeste e reafirme o que Guta disse.

Nesse ponto, é possível perceber que a masculinidade entre eles se difere também na maneira como eles se compreendem sobre a mulher. Enquanto para Jove a relação se estabelece de uma maneira horizontal, onde ele enxerga os desejos e autonomia como importantes, para Alcides parece não importar o que a garota quer ou não. Para o peão, a brutalidade é sinônimo da auto afirmação do poder que ele acredita poder exercer, mostrando não apenas para Guta, mas também a Jove, quem manda.

Esse momento marca não apenas o atrito entre Alcides e Jove, como também mostra a reação do José Leôncio frente ao conflito. Isso porque Tibério, braço direito de José, se oferece para resolver a situação e tirar Alcides da festa, mas José Leôncio diz que é para deixar que seu filho resolva a situação, não tomando partido por Jove, mas esperando que ele tenha autonomia para agir, seja para brigar ou não. Jove diz que não quer confusão, que acabou de chegar e não conhece os costumes do pantanal, percebendo que existe uma certa normalidade dentro do comportamento de Alcides, que parece, apesar de condenável para alguns, tido como normal se tratando de um homem. O peão, por outro lado, se mostra irritado e pronto para brigar. Jove, ao compreender isso, diz que se Alcides quer brigar, que brigue sozinho, saindo de cena.

Esse momento é extremamente relevante para análise porque ele evidencia como a violência está normalizada dentro do comportamento masculino dentro das identidades masculinas hegemônicas. Tanto que após Jove sair, Tadeu, com a intenção de defender seu irmão, ameaça Alcides com um facão, que recua e volta e beber.

Quando Jove retorna para festa, José Leôncio, por sua vez, parabeniza seu filho e diz que ele deu uma lição de educação para todos na festa. Isso me faz refletir até mesmo sobre a cena anterior a chegada de Jove, em que seu pai evita falar muito na carta por receio de causar um constrangimento ao seu filho, deixando implícito um certo sentimento de inferioridade intelectual que respinga não apenas no conhecimento, mas também na etiqueta social e na conduta.

Entre as surpresas para recepcionar seu filho na festa, José Leôncio prepara o melhor cavalo de sua fazenda, juntamente com a sela de montaria que foi do seu pai de presente para Jove. Fica evidente que a intenção por trás do ato não é

constranger seu filho, mas sim exaltá-lo, deixando claro mais uma vez que existe uma série de expectativas sobre como Jove deve ser, na perspectiva de seu pai.

Para José Leôncio, a sela significa muito, pois era de seu pai e foi guardada durante todo esse tempo especialmente para seu filho. Percebendo a tentativa de seu pai, Jove até tenta fazer carinho em seu novo cavalo e recebe o presente da melhor forma que consegue. Porém, Jove não gosta de montaria e tem trauma de cavalos (medo esse que fica implícito como uma questão psicológica decorrente do evento após o seu nascimento) e diz que não irá montar, fazendo com que seu pai fique ainda mais desapontado e frustrado com o homem que ele está se mostrando ser. Jove, percebendo isso, pede que seu pai não tente obrigá-lo a nada, dando fim a festa.

5.3.2 Análise dos capítulos: percepções sobre Jove no pantanal

Ainda no capítulo 19 da telenovela, depois de tudo o que aconteceu, Jove e Filó conversam na cozinha enquanto ele come. O diálogo fica marcado por falas relevantes para pensar sobre tudo o que já estamos discutindo até aqui.

Ao elogiar a comida que Filó preparou para ele, Jove prontamente já se oferece para lavar a louça. Filó, porém, se recusa a deixar que ele faça o serviço. Nesse ponto, Jove demonstra uma certa noção de divisão de tarefas, enquanto Filó não imagina que seja aceitável ele lavar a própria louça, citando até mesmo a possibilidade de José Leôncio chegar no momento em que isso acontece e o que ele acharia da situação. Nesse ponto, alguns aspectos ficam implícitos no receio da personagem. Em capítulos anteriores em que os peões almoçam a comida de Filó, nenhum deles se oferece para lavar nada, dando a entender que as regras sociais da fazenda ainda sugerem que as tarefas domésticas ficam por conta da figura feminina. Jove ser pego por seu pai lavando a louça por seu pai certamente deixaria José Leôncio ainda mais incomodado com o conjunto de atitudes do rapaz.

Em um segundo momento da conversa, Filó tenta reconfortar Jove diante da frustração entre ele e seu pai. Quando o rapaz fala que seu pai esperava um “filho-peão”, ela rebate dizendo “mas ganhou um filho-doutor”, recebendo a tréplica de Jove de que ele não é doutor, frustrando a fala da personagem que ainda sim continua tentando confortar Jove, dizendo que ele e seu pai, ambos tem bons corações e explicando que José Leôncio foi criado com os bois e tem uma postura

rígida, mas ama seu filho. A cena encerra com Filó saindo da cozinha e chamando o rapaz para então mostrar algo para ele - seguindo mais tarde no mesmo capítulo como o momento em que Filó mostra o berço de Jove para ele.

Ao analisarmos o contexto geral desse momento, podemos lembrar de alguns aspectos herdados pelo processo de industrialização que influencia até hoje na maneira como nos comportamos e enxergamos questões sociais. No imaginário social, os meninos cresciam com a noção de que deveriam se tornar fortes, independentes e financeiramente bem-sucedidos, de modo a promover o conforto material de suas futuras famílias, já as meninas desenvolviam as habilidades necessárias ao conforto emocional (Badinter, 1986; Jablonski, 1998; Wang, 2004). Isso fica ilustrado na expectativa de Filó sobre Jove, bem como na maneira em que ela se coloca a estar ao seu lado, mediando a situação e tentando reduzir danos causados pelos acontecimentos anteriores.

Paralelamente a isso, José Leôncio fala para Tibério que seu filho foi estragado por sua mãe. Seu capataz, por sua vez, tenta defender o rapaz, dizendo que ele é bom e decente. José, porém, rebate dizendo que seu filho foge de cavalo como o diabo foge da cruz. Tibério então argumenta que muitas pessoas têm medo de montar, mas José Leôncio rebate dizendo a exata frase “mas ele é meu filho e eu sou um peão, meu pai era peão e o pai do meu pai era peão também”.

Assim, se reforça a compreensão de que existem expectativas de que os modelos de identidades masculinas sejam reproduzidos de geração em geração, com o intuito de que os novos homens reproduzam tudo aquilo que já é considerado norma. Para José Leôncio, ser peão vai muito além do mérito de escolha, mas é parte fundamental do homem enquanto sujeito. Tibério, nesse sentido, vem como a voz que apresenta outra perspectiva sobre o assunto, falando que Jove não foi criado como José Leôncio e os homens de sua família foram, atribuindo, então, os fatores culturais como uma ferramenta de construção determinante para que as masculinidades sejam desenvolvidas. A conversa termina com José Leôncio afirmando que o problema dali em diante será ele e seu filho se acertarem, reafirmando o conflito pautado pela diferença.

O capítulo 19 também serve para apresentar as perspectivas sobre outros personagens sobre Jove. No pantanal, o assunto também é Jove. Na fazenda de José Leôncio, os peões falam que o filho do patrão “veio com defeito”, enquanto

Tadeu e Tibério defendem o rapaz. Enquanto isso, na fazenda de Tenório, ele, sua esposa Maria e sua filha discutem sobre o mesmo assunto.

Tenório, então, critica o rapaz por não ter brigado com Alcides e, em tom de deboche, ri do fato do rapaz não ter montado no cavalo que seu pai deu para ele e o ridiculariza ao dizer que ele tem e leva “jeito”. Ao ser questionado por sua esposa sobre o que isso significa, Tenório prontamente diz “jeito de mulher, Bruaca. De flozô!”. A esposa questiona se o motivo disso é por ele não montar a cavalo e Guta então rebate dizendo que a razão é porque ele é civilizado, defendendo o rapaz.

Nesse ponto, além de reafirmar a compreensão da expressão “flozô”, é entendível como ela caminha com qualquer mero traço que caminhe para normas femininas, sendo o jeito de Jove considerado de mulher. Guta, por sua vez, imprime sua posição ao dizer que homens não costumam ser civilizados. E, pelo contexto da conversa, é possível entender que ela se refere aos homens peões que estão falando coisas similares às que o seu pai acabara de dizer. Além disso, nessa frase ela reafirma um posicionamento de resistência ao dizer que mulheres são civilizadas.

Esse trecho me fez lembrar de um experimento social realizado em 2009 no Reino Unido e exibido no Channel 4⁴. Nele, 20 crianças ficaram sozinhas sem a supervisão direta de um adulto (havendo uma equipe pronta para intervir apenas em problemas que extrapolam os limites da integridade dos participantes). Durante esse período, de 5 dias, as crianças tinham comida e toda a infraestrutura que uma casa proporciona e foram divididas em dois grupos, cada um indo para uma casa: o grupo das meninas e o grupo dos meninos.

Ao longo do experimento, as meninas organizaram pequenos sistemas para manter a casa limpa, cozinham e dialogaram bastante, sendo por vezes umas os suportes emocionais das outras. Já na casa dos garotos, o caos foi instaurado e criaram 2 subgrupos dentro da casa, se enfrentando ao longo do experimento, fazendo com que os garotos considerados mais fracos fossem obrigados a servir os garotos mais fortes.

Ignorando dilemas éticos entre certo e errado sobre o experimento, nele é possível visualizar o discurso de Guta na prática. Garotos são socialmente

⁴ Matéria do site Canaltech: “Experimento deixa 20 crianças sozinhas em casa por 5 dias; veja o resultado”. Disponível em <http://canaltech.com.br/saude/experimento-deixa-20-criancas-sozinhas-em-casa-por-5-dias-veja-o-resultado-240500>. Acesso em 6 de dezembro de 2023

ensinados a serem detentores da força e do poder, enquanto as garotas encontram afinidade nas tarefas domésticas e nas questões sensíveis porque foram ensinadas a serem assim.

De encontro a essa sensibilidade, Filó defende a postura de Jove de não ter brigado na festa, fazendo com que José Leôncio vá conversar com o filho na tentativa de se acertarem. Enquanto bebem e conversam, José Leôncio descobre que seu filho não é doutor e sequer chegou a se formar na faculdade. Surge um sentimento de frustração a partir daí, afinal, para José Leôncio, se Jove não é peão e não é um doutor, o que mais ele pode ser?

Jove então diz que seu interesse é fotografia, embora não trabalhe com isso ainda. José Leôncio se preocupa se esse caminho lhe dará dinheiro e recebe uma negativa como resposta. Ele então avisa o filho que eles irão ver as terras que lhes pertencem, pois Jove agora é herdeiro de tudo aquilo. A sequência de diálogo entre os dois demonstra um certo desconforto de ambas as partes. Fica evidente que Jove não se sente compreendido pelo seu pai, bem como José Leôncio não consegue entender as tomadas de decisões do seu filho.

A conversa se torna uma discussão séria quando Jove afirma que não tem intenção de ficar na fazenda, mas sim retornar para o Rio de Janeiro, trazendo ainda mais a irritabilidade de José Leôncio à tona com a situação e fazendo com que as frustrações de ambos surjam nas falas. As de José sobre o tipo de homem que seu filho se tornou (exemplificadas pelo fato de seu filho sequer montar a cavalo) e as de Jove por ser abandonado pelo pai (através do questionamento dos motivos que não o levaram a lutar por seu filho na justiça).

O capítulo 19 se encerra com José Leôncio afirmando que não abandonou o filho, mas sim criou um império. Jove então diz que aquilo tudo que seu pai construiu não representa isso para ele, fazendo com que José entenda que foi renegado pelo filho.

O capítulo 20 da novela inicia exatamente do ponto em que o capítulo anterior terminou, com Jove então dizendo que se sua intenção fosse renegar seu pai, não iria até o pantanal e José Leôncio explica que sua intenção não é ofender seu filho. O diálogo se torna mais amigável à medida que ambos começam a falar sobre suas expectativas sobre o outro e, ao falarem da beleza do pantanal e da natureza, por alguns minutos parecem estar de “bandeiras brancas” um para o

outro, contemplando algo muito maior do que eles mesmos, fazendo com que se mostre possível estabelecer diálogos apesar das distinções.

O restante do capítulo 20 é dividido quase inteiramente em outras cenas desconsideradas para esse trabalho, pois não colaboram para a análise acerca do que estamos discutindo até aqui, mas chama a atenção uma questão específica.

Durante o capítulo, Jove e Guta saem juntos para que o rapaz possa conhecer um pouco do pantanal e fazer as suas fotografias do local e nada além de pequenos flertes acontecem. Porém, no imaginário de Filó, Tenório e os peões da fazenda de José Leôncio, a situação causa estranhamento, na perspectiva de que não é possível um homem e uma mulher terem interesses em comum e afinidades que permaneçam apenas no campo social da amizade, ainda que para Tenório, por exemplo, Jove sequer pareça ser um homem “macho” com interesse em mulher.

Ao encontro do fato, José Leôncio tenta descobrir se está acontecendo algo além da amizade entre os dois jovens para poder negar qualquer possibilidade de seu filho ser o que as pessoas têm dito sobre ele: o boato de Jove não ser macho o suficiente a ponto de ser um “frozô” (gay, em outras palavras!). Filó então indaga perguntando qual é o problema se por acaso Jove ser aquilo o que estão dizendo, ouvindo de José Leôncio que nesse caso, o rapaz não é seu filho, tornando clara uma perspectiva abertamente homofóbica e intolerante.

Como dito anteriormente neste trabalho, Pantanal é uma narrativa que explora o diálogo dos personagens de maneira mais densa. Dessa forma, em um capítulo, ainda que não haja um avanço na narrativa da trama, é possível compreender melhor cada personagem a partir de suas falas. Para a análise referente ao que nos propusemos a fazer, o capítulo 21 apresenta poucas novidades relevantes para a discussão. Porém, alguns momentos chamam atenção, quando, por exemplo, José Leôncio e Tibério conversam sobre a possibilidade de Jove aprender a montar para perder o medo de cavalos.

Além disso, esse capítulo apresenta bastante tempo de tela com cenas de Jove e Tadeu juntos, evidenciando as diferenças entre ambos que já eram possíveis de serem notadas principalmente desde o capítulo 20. Para a nossa análise, esses momentos contribuem para ficar implícita que, ainda que as diferenças entre masculinidades sofram influência direta com o âmbito geracional, o local de criação de cada sujeito é um fator tão determinante quanto, pois faz parte dos inúmeros

elementos que compõem os diferentes contextos de criação e conseqüentemente tem relação direta com a natureza sociocultural de cada identidade masculina.

Porém, entre Jove e Tadeu, as diferenças não afetam diretamente na maneira como eles passam a se tratar. Em alguns momentos as distinções entre ambos chamam atenção e servem para que eles se divirtam. Sob o olhar da narrativa da trama, isso se dá porque Tadeu, apesar de um pouco de ciúmes, tem carinho por Jove porque ele é seu irmão. Jove, por sua vez, interroga Tadeu sobre a relação de seu pai com Filó, ficando implícita a desconfiança sobre a origem do peão. Mas, ainda é possível perceber que, diferente da relação de Jove com seu pai, entre os dois rapazes não existe a expectativa do que outro deve ser.

Em outro momento, em conversa com sua mãe, Guta, crítica os homens do pantanal e enaltece Jove ao dizer que ele é sensível, dando a entender que a garota deposita votos de confiança no personagem. Porém, no Rio de Janeiro, Nayara surge na mansão dos Novaes se intitulando namorada de Jove e em busca do rapaz, falando mais tarde que ele a procura sempre quando tem uma crise existencial.

Esse contraponto é interessante por apresentar leituras diferentes de um mesmo sujeito. Afinal, Guta crítica os homens do pantanal por serem preconceituosos, agressivos e não saberem tratar uma mulher. Mas, se de fato Nayara estiver falando a verdade sobre a relação entre ela e Jove faz com que se compreenda que, mesmo fora do espectro machista do pantanal, em uma sociedade patriarcal, um homem pode encontrar novas maneiras de exercer poder sobre a mulher, se dando de maneira também emocional.

Ainda no capítulo 21, Jove e Tadeu visitam a tapera em busca de Juma, que os recebe com hostilidade e uma espingarda, assustando os rapazes. Mais tarde, Jove retorna ao local com Guta porque o fato de duas mulheres viverem sob aquelas condições lhe causa estranhamento. Para além do desenvolvimento narrativo da trama, o retorno de Jove em um lugar em que ele foi ameaçado de morte é relevante para compreender que, diferente do que os personagens do pantanal acreditam, o rapaz não é essencialmente medroso e que seu medo de cavalos é apenas uma parte das inúmeras coisas que o constituem.

O capítulo 22 (e último para essa análise) inicia com uma conversa entre Tenório e José Leôncio que, entre diversos assuntos, falam sobre seus filhos

andarem juntos. Tibério diz não se preocupar com sua filha ter Jove como companhia.

Na percepção de Tenório, Jove não representa uma ameaça porque provavelmente é gay. Além de tratar de um problema de estereótipo, essa “não-preocupação” chama atenção porque implica em uma socialização entre homens e mulheres heterossexuais, possível essencialmente pelo interesse sexual. Desse modo, lembramos brevemente sobre uma questão: se a relação que se estabelece do homem para a mulher é estritamente sexual e romântica, como seria a relação que homens heterossexuais estabelecem entre si? Em uma sociedade patriarcal como a nossa, penso que o amor genuíno do homem é sobre ele mesmo enquanto gênero. Não se trata necessariamente de homens gays ou bissexuais dentro do armário, mas, relações de amizade entre homens heterossexuais de maneira homoafetivas, em que eles enxergam no outro, a confiança, a admiração e todos os atributos de uma relação profunda.

Isso fica exemplificado em práticas sociais comuns, como o desejo de um futuro pai desejar tanto um filho homem (ilustrado também em Pantanal); nos ídolos dos homens geralmente serem homens e até mesmo no respeito com a figura de um homem desconhecido. Por exemplo: um homem chega em uma mulher em uma festa, demonstra interesse nela, mas ela o recusa. Digamos que ele se mantenha insistente na tentativa de conseguir o que quer e a moça então diga que tem namorado, o que fará com que provavelmente ele desista. Isso acontece porque o respeito que ele nutre pela figura de outro homem é diferente do que ele tem por uma mulher, afinal, o desinteresse dela deveria bastar.

Voltando ao diálogo entre os personagens, José Leôncio se incomoda com a colocação do vizinho, que por sua vez, se explica dizendo que Jove é fino e educado, sendo imediatamente interrompido pelo pai do rapaz que diz “não é nada disso o que você está pensando”. Tenório repete que só queria dizer que Jove é educado ou então teria se envolvido em uma briga com Alcides durante a festa. José Leôncio responde que Jove está chegando agora e continua “sentindo o terreno” e só por isso não brigou.

José Leôncio tenta reafirmar a macheza do seu filho e isso implica na personalidade e nas práticas. Isto é, um homem viril, bravo, violento e até mesmo sem educação e qualquer etiqueta social. Afinal, na percepção dos homens do

pantanal como os dois fazendeiros, um homem “de verdade” não pode ter muitos traços civilizados como a educação e o controle para evitar violência.

Ainda durante a conversa, José Leôncio diz se arrepender de ter deixado que Madeleine levasse seu filho. Tenório, então, diz “um homem ser criado pela mãe, pela avó e pela tia não podia ser outra coisa”, implicando que características como as citadas anteriormente são essencialmente do campo social feminino.

O capítulo também explora o contexto entre Jove e Guta que acabam se envolvendo sexualmente, e as percepções dos outros personagens do pantanal acerca do relacionamento de ambos.

Em um breve momento quando Tadeu questiona para José Leôncio o que Guta e Jove estavam fazendo juntos, o peão responde “eu não tenho como saber, mas se ele é meu filho de verdade eu posso até imaginar”, deixando implícito que se refere a sexo. Nesse sentido, José Leôncio atribui a virilidade e sua orientação sexual um caráter genético de naturalidade. Desse modo, o trecho “se é meu filho de verdade” condiciona porque implica em Jove ser exatamente de um jeito e qualquer desvio dessa conduta é suficiente para ele ser menos respeitado pelo pai enquanto homem e agora também como filho.

Outro ponto alto do capítulo 22 é o momento em que Jove tenta perder o medo de cavalos através da montaria. Na cena, Tibério tenta ajudar o rapaz que acaba não conseguindo superar seu trauma e fica ainda mais assustado e irritado, sendo hostilizado pelo pai que nunca viu um homem não saber montar. Tadeu, por sua vez, diz que “no fim o Alcides estava com a razão”, como se montar a cavalo servisse como uma métrica para medir de fato o quão homem um sujeito pode ser.

Apesar da decepção, José Leôncio vai até Jove para tentar confortá-lo, porém a conversa sai do controle quando ele sugere que em uma próxima vez o rapaz conseguirá, ao dizer que ninguém vira um peão da noite para o dia. Jove afirma que não querse tornar um peão e seu pai busca ser compreensivo, mas diz que apesar disso, ele não deve desistir de tentar algo na primeira dificuldade. Esse momento é o contraponto perfeito ao que Jove está acostumado no Rio de Janeiro com sua mãe, avó e tia, onde ele não recebe o incentivo para não desistir das suas escolhas.

A conversa continua e José Leôncio indaga se Jove vai ficar sustentando as supostas ofensas que tem recebido. Jove, sem entender muito bem, pergunta do

que se trata e seu pai recua dizendo que ele sabe muito bem do que ele está falando.

Jove, já impaciente responde “o que? que eu sou um flozô? Que eu sou um viado? É isso? A gente passou a vida inteira afastado, longe um do outro, e a coisa que mais importa é que os outros digam que eu sou macho?”

Sem querer dialogar, José Leôncio diz que é melhor sair porque não quer que a conversa tome esse rumo, em uma tentativa de fugir da situação que é encarar uma possível homossexualidade do filho, mas Jove não recua, questionando “e se eu fosse gay?”; José Leôncio responde que não gosta sequer de ouvir essa palavra. Mas Jove não desiste e continua indagando sobre isso, querendo saber o que mudaria entre eles.

José Leôncio responde Jove já exaltado dizendo “mas você não é!”. Nesse ponto, a negação da orientação sexual que ele tanto teme vem de um lugar de medo e pavor. A homossexualidade do filho, para ele, representaria não apenas lidar com um filho gay, mas também lidar com o julgamento das pessoas que o ridicularizariam por isso.

Jove questiona se de fato ele fosse gay, seu pai o levaria para conhecer o escritório em São Paulo, mostraria as fazendas ou então iria o deserdar, sabendo que existe a possibilidade. José afirma que se Jove fosse gay, teria motivos em dobro para odiar Madeleine, mãe do rapaz. Jove questiona o motivo, apontando a provável resposta “por ela não ter me criado macho?” e José responde “não, porque ela não deixou eu criar você do meu jeito”, saindo de cena.

Boa parte dessa análise poderia servir para falar estritamente sobre homofobia e, apesar da problemática estar essencialmente cruzada ao assunto das masculinidades, tentaremos sinalizar principalmente o trecho que nos faz pensar sobre como José Leôncio acredita fielmente que a sua influência poderia ter feito de Jove exatamente o filho que ele esperava ter. Isto é, um sujeito exatamente igual a ele. Ainda, cabe analisar que, talvez para José Leôncio, ser gay está diretamente associado a uma série de estereótipos e simbolismos, bem como a heterossexualidade pantaneira, vinculada a montaria, o interesse pelos negócios da fazenda, o consumo de carne, o sangue quente que não permite a um homem fugir de uma briga e uma série de costumes e práticas culturais que fazem com que ele identifique quem é macho e quem não é.

O capítulo se encerra com Jove anunciando para o seu pai que irá voltar para o Rio de Janeiro, mesmo a contragosto do mesmo. O rapaz diz que precisa voltar e que eles vivem em realidades completamente diferentes, afirmando tudo aquilo que já foi trazido até aqui.

É claro que no desenrolar da trama, algumas coisas se modificam, desde a relação do personagem com seu pai até mesmo a maneira como ele é, mas, pontualmente, os capítulos analisados fazem um recorte muito pontual com início, meio e fim de uma relação entre dois homens com identidades masculinas muito diferentes e como essas distinções são conflitantes coexistindo em um mesmo espaço.

5.4 Pantanal no Twitter: Conteúdos sobre o personagem Jove

Neste subcapítulo, trazemos os tweets coletados bem como a análise dos mesmos, contextualizando-os quando necessário e relacionando-os em eixos temáticos em comum, ainda que o contexto da mensagem seja referente à recepção de Pantanal no Twitter, os comentários da audiência demonstram as percepções acerca de Jove, nos capítulos da telenovela anteriormente analisados, o que permite balizar a apropriação dos conteúdos de maneira crítica e de como foi percebida a rede social utilizada no momento da coleta.

Os tweets apresentam o Jove em pauta, sendo ele o segundo personagem de Pantanal mais presente nos Trends Topics do Twitter em Abril de 2022 (período em que a nossa coleta está situada), ficando atrás apenas de Madeleine.

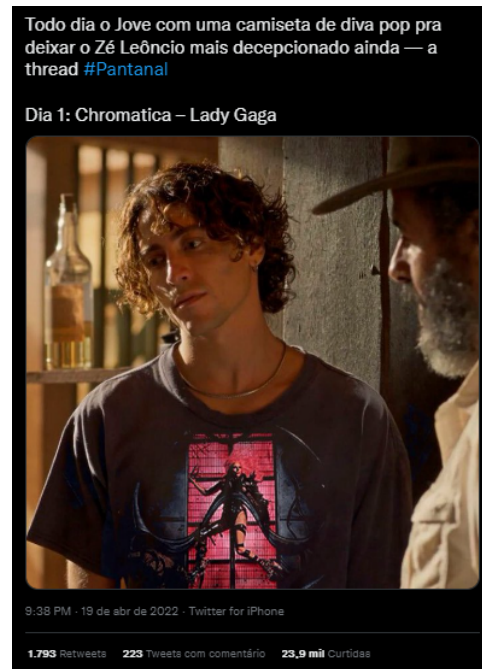
Entretanto, ainda que exista um ponto focal em comum em todos os conteúdos coletados, é fundamental frisar que os tweets em questão possuem características, origens e intenções distintas entre si, sendo possível perceber relações diferentes sobre o personagem com a audiência, os então produtores dos conteúdos.

5.4.1 Jove e as imposições na cultura pop atual

No âmbito da produção de conteúdos e circulação nas redes sociais, é muito comum relacionar assuntos diferentes em uma mesma postagem, seja por meio da escrita ou até mesmo através da memificação (também conhecida como a prática

da cultura dos memes, utilizando recursos textuais e visuais em um caráter principalmente humorístico) de elementos conhecidos no aspecto do consumo cultural atual, como veremos logo abaixo em 2 dos 10 tweets coletados.

Figura 5: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

O tweet acima apresenta Jove em um contexto no qual ele é fã da Lady Gaga (sendo isso jamais citado em Pantanal, o que torna a situação meramente fictícia). No sentido do conteúdo, Jove estar associado a figura de uma cantora pop que canta sobre diversidade e é reconhecida por uma expressiva base de fãs homossexuais representaria ainda mais desgosto para José Leôncio e coloca o rapaz ainda mais próximo de estar inserido em um grupo majoritariamente formado por homens e mulheres não-heterossexuais, reforçando a narrativa de que Jove é menos heterossexual do que os outros homens de Pantanal e criando um afastamento ainda maior da sua personalidade em relação ao que é esperado da sua masculinidade.

Ainda dentro das respostas deste Tweet é possível ver imagens com outras edições de camisetas contendo outras cantoras pop reconhecidas por serem referência ao público LGBTQIAP+, o que reforça o pensamento a respeito de condutas, gostos e padrões normativos em uma estrutura muito menos fluída da masculinidade hegemônica.

Seguindo esse raciocínio, a imagem a seguir reforça o que foi dito até aqui, mas encaminha a nossa percepção para novas questões abordadas pelos conteúdos.

Figura 6: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

Na imagem, vemos a frase “os homi lá achando que o Jove é gay, enquanto o Jove tá descendo o cacete na Guta” juntamente de uma foto do cantor Harry Styles usando um vestido e a escrita “joventino no pantanal”.

O tweet em questão, mais uma vez atribui uma vestimenta, dessa vez um vestido, socialmente difundido como uma peça considerada feminina. Harry Styles, por sua vez, é uma figura pública conhecida por quebrar esse paradigma de modas confeccionadas para gêneros específicos, explorando peças, cores e tendências na maioria das vezes desconsideradas pelos homens, que fogem das regras dos padrões hegemônicos de masculinidade.

Justamente por adotar essa postura, muitas vezes o artista é ridicularizado na internet e tem sua sexualidade questionada, embora nunca tenha tornado público qualquer relacionamento amoroso com outros homens e de fato tenha um histórico de relacionamentos com diversas mulheres, famosas ou não.

Nesse sentido, talvez caiba também analisar que tanto Jove como Harry Styles têm suas sexualidades questionadas pela maneira como performam (ou deixam de performar) sua masculinidade, enquanto, paralelamente aos julgamentos, estão se envolvendo com mulheres. Desse modo, até parece fazer sentido o comparativo da memeficação. Nesse contexto, a masculinidade se apropria de outras características que vão além da orientação sexual essencialmente, passando por questões de norma que se refere a roupas, modos de pensar e se relacionar com a cultura e artefatos culturais presentes no meio em que estão inseridos.

É possível perceber algumas coisas em comum entre os dois *tweets*. Em ambos, os então criadores dos conteúdos recorreram a referências da cultura popular contemporânea para relacioná-las ao personagem Jove. Mas, além disso, a tentativa de fazer humor com a personalidade de um rapaz heterossexual por ela ser diferente dos demais personagens masculinos do seu contexto ficcional revela se não uma, mas duas possíveis hipóteses.

A primeira trata-se de um teor complexo que envolve investigar quem são esses criadores de conteúdo para entender se de fato se tratam de pessoas LGBTQIAP+ ou não para compreender novos sentidos atribuídos para a origem dos conteúdos.

Por exemplo, se os criadores dos conteúdos em questão são pessoas de dentro da comunidade, pode se compreender a tentativa de piada como uma espécie de busca dentro do humor como um mecanismo de defesa já bastante difundido dentro dos estudos da psicologia. Entretanto, se o criador do conteúdo é uma pessoa heterossexual, podemos discutir mais fortemente os limites do humor, o que de fato é humor e o preconceito mascarado de piada.

Apesar de compreendermos a relevância dessas possibilidades, nos atentarmos a essa temática como o objetivo central de investigação do nosso trabalho não é o caminho pelo qual levaremos a análise como um todo, pois entendemos que para isso precisaríamos analisar não apenas o conteúdo, mas também o público da rede. Desse modo, entenderemos o humor como parte da estrutura do conteúdo, mas questionando a ótica que se dá sobre o conteúdo dentro da abordagem das piadas.

O segunda hipótese, e a qual consideramos como prioridade para a análise, é a de que em situações como essa, independente da origem do conteúdo, ele é formulado a partir de construções sociais e simbólicas conscientes ou não sobre

masculinidades e sexualidade, sendo também uma criação que não está isolada de uma problemática ainda muito presente: a homofobia internalizada. Logo, recorreremos a um estudo recente que revisita a definição do termo com o intuito de revisar a problemática.

Em linhas gerais, a homofobia internalizada costuma ser apresentada como o formato interno/internalizado das mensagens homofóbicas com as quais nos deparamos, desde a mais tenra idade, através das interações sociais, seja com nossos pares, com a mídia, com as práticas educacionais, dentre outras plataformas sociais (Antunes, 2017). Essas percepções e esses conceitos negativos internalizados acerca da homossexualidade, conforme apontam Pereira e Leal (2002; 2005), têm no self sua morada; constituindo, assim, a identidade da pessoa homossexual (gays e lésbicas). (NETO, J. e JÚNIOR, J., 2023 p.5)

A definição, apesar de ignorar as identidades bissexuais no eixo central da questão, aponta para algo que já estamos conseguindo verificar em um dos conteúdos, assim como é possível perceber dentro dos discursos dos personagens de Pantanal. A temática ainda será vista nos próximos objetos coletados e cabe aqui analisarmos seus conteúdos já também sob essa ótica, como vemos no tweet coletado a seguir que une o assunto trabalhado neste subtítulo e no que virá em sequência.

5.4.2 Jove e a imposições da masculinidade heteronormativa

Para além dos conteúdos que relacionam o personagem a elementos culturais associados a identidades LGBTQIAP+, existem também discursos criados de forma mais explícita, relacionando o Jove ao senso comum da figura do homem homossexual, fazendo referência direta sobre a sexualidade de rapaz por ele não performar a masculinidade esperada, seja pela sociedade real ou a da ficção de Pantanal, como veremos a seguir:

Figura 7: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

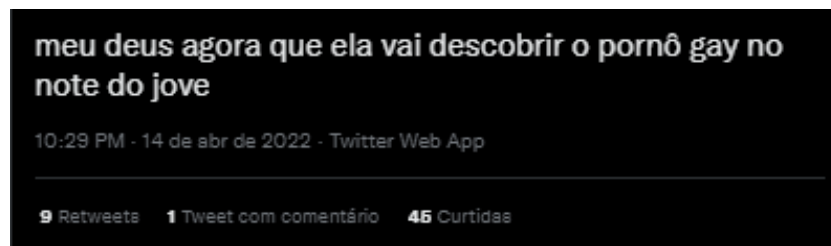
O tweet acima também poderia fazer parte do subtítulo anterior, mas, por compreender que o artista no vídeo em questão não tem o amplo reconhecimento que Lady Gaga e Harry Styles possuem, decidimos delimitá-lo aqui, pois se trata principalmente sobre o contexto do clipe, a letra da música e o que de fato o artista representa dentro dessa comparação com o personagem Jove.

O vídeo do conteúdo é um trecho do videoclipe da música “Amor Rural”, do cantor Gabeu. O artista canta músicas do gênero sertanejo, mas com temáticas que falam sobre a sua homossexualidade. A música do vídeo faz parte do álbum “AGROPOC”, lançado em 2021.

O clipe, além de apresentar Gabeu e sua estética fora do convencional dentro da proposta tradicional dos cantores sertanejos (um campo essencialmente marcado pela cultura hegemônica de uma masculinidade um tanto próxima daquelas vistas dos homens do pantanal), também traz uma letra com referências diretas a aceitação e sexualidade, com trechos como “Sai desse armário e vem pro meu curral”, ou ainda “Cavalgar até ela descobrir que nós é viado”. Dessa forma, é importante questionar se essa relação direta que fazem dos personagens a pessoas que fogem da regra normativa não é, ainda que em tom de piada, uma maneira da homofobia internalizada continuar alimentando tais normas que, no fim das contas,

são violentas não apenas com homens homossexuais, mas também com qualquer pessoa que não cumprir determinado ideal. Nesse caso, Jove tem sua sexualidade deslegitimada e sua identidade ridicularizada por não cumprir o requisito social, ao passo em que a homossexualidade na totalidade serve apenas como motivo de chacota de dominação e hierarquização entre a normativa, mas nunca uma maneira legítima de ser, podendo também ser um motivo para justificar a violência simbólica, física e verbal.

Figura 8: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

O conteúdo acima foi postado paralelamente ao contexto da história de Pantanal no momento em que invadem a privacidade de Jove e acessam o seu computador. O tweet em questão aborda de maneira explícita a possibilidade do personagem consumir pornografia gay, mais uma vez colocando em questão a sexualidade do rapaz.

Em todos os conteúdos trazidos até aqui, é possível perceber que os elementos associados ao Jove não representam a narrativa do personagem na ficção, uma vez que o rapaz não usou nenhuma das peças de roupa vistas nas imagens anteriores, tampouco demonstrou interesse em consumir pornografia, seja ela heteronormativa ou não.

A pornografia enquanto questão do conteúdo aparece para fazermos um ensaio de reflexão para além da questão da sexualidade em si, mas o seu consumo como algo fortemente comum dentro das esferas das masculinidades, independente das suas respectivas orientações sexuais. No Brasil, dados recentes apresentaram que das 22 milhões de pessoas que assumiram consumir pornografia, 76% são

homens⁵. E enquanto produção, é possível perceber que o número de homens responsáveis pela indústria é significativamente maior do que mulheres.

Existem estudos nas mais variadas áreas das ciências sociais e humanas, bem como na saúde, evidenciando que as problemáticas da pornografia são diversas em escala individual e coletiva, independente de se tratar de uma produção direcionada para o público heterossexual ou não, influenciando também nas relações estabelecidas e nas compreensões sobre sexualidade, sexo, consentimento e outras várias questões exploradas em tais produtos.

O conteúdo do tweet, nesse sentido, reverbera uma certa naturalização da pornografia para homens. O foco da mensagem não é sobre a possibilidade do Jove consumir pornografia em si, pois isso é naturalizado dentro das masculinidades tais como conhecemos. O humor (ou tentativa dele), fica por conta da surpresa de encontrar pornografia gay no computador. A questão não é sobre pornografia em si, uma vez que esse assunto tecnicamente parece atravessar homens de todas as orientações sexuais, mas o espanto e o estranhamento se dão é mais uma vez a homossexualidade, conforme encarado também na ficção, como as imagens a seguir conseguem ilustrar.

Figura 9: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

⁵ Matéria do Estado de Minas: “Excesso de pornografia faz o cérebro regredir a um estágio infantil”. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/04/26/interna_bem_viver.1486087/excesso-de-pornografia-faz-o-cerebro-regredir-a-um-estagio-infantil.shtml. Acesso em 31 de outubro de 2023.

No tweet acima, a pessoa criadora do conteúdo utiliza de um vídeo retirado originalmente de um programa de auditório para contextualizar a maneira como a personagem Filó defende o personagem Jove.

O vídeo utilizado em questão é o recorte de um momento em que uma mulher da plateia tem o intuito de defender homens gays de uma senhora homofóbica que estava participando do programa. No discurso, porém, ainda que com a intenção de proteger, a mulher discursa a frase “os gays são melhores que pessoas normais”, evidenciando assim um afastamento da homossexualidade da normalidade.

O tweet ilustra como a personagem Filó tem as figuras masculinas do pantanal tidas como normais e enxerga no Jove um homem diferente. O vídeo, por sua vez, reforça a compreensão de que a homofobia está internalizada e, assim como a mulher do programa, Filó, ainda que com boas intenções, está sujeita a ser preconceituosa e dizer a coisa errada, ainda que não seja intencionalmente. Nesse sentido, Jove, mesmo não sendo gay, é alguém diferente do tido como “normal” e por consequência aceito no pantanal, como veremos também a seguir.

Figura 10: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

No tweet em questão, o autor ilustra o contexto dos personagens do pantanal com a chegada de Jove nesse novo cenário do qual ele ainda não está familiarizado.

O vídeo utilizado no conteúdo é uma edição com inúmeras repetições da palavra “gay” ditas por uma apresentadora de televisão em um programa de canal aberto. Em determinado momento, e utilizado para o recorte da imagem para a análise com o intuito de elucidar o material presente no vídeo, consta a frase “não adianta mentir para os outros, você é gay e todos percebem!”.

O conteúdo, com caráter de humor, representa a percepção dos personagens não acostumados com a maneira que Jove vive e performa sua maneira de ser homem. Para eles, é muito claro que a sexualidade está comumente atrelada a comportamentos, formas de se vestir, falar e enxergar o mundo.

Desse modo, os dois tweets acima são os primeiros da análise que não expõem uma opinião direta dos donos das contas das redes sociais, uma vez que apenas fazem um apanhado e interpretação de como o personagem Jove está sendo recebido na trama e através dos vídeos utilizados contextualizam a recepção dentro da própria narrativa por parte dos personagens.

Essa abordagem nos mostra novas possibilidades de humor, fazendo do produtor do conteúdo não exatamente isento de opinião (pois só o fato dele produzir um conteúdo sobre mostra que existe um reconhecimento sobre a situação), mas muito mais próximo de uma abordagem mais expositiva e crítica sobre a maneira como os demais personagens tratam o Jove e como esse comportamento reflete em outras situações “reais”. A partir dessa perspectiva, é possível compreender origens diferentes dos conteúdos dos tweets coletados para a análise, sendo possível também sugerir discussões pontuais direcionadas para os limites do humor dentro da rede social Twitter.

Ainda nessa perspectiva, cabe então ao criador do material se apropriar desse cenário e usar dos mecanismos e linguagens das redes sociais (nesse caso o Twitter), para tecer uma percepção crítica sobre o universo ficcional. Diferente do que veremos a seguir.

Figuras 11 e 12: Capturas de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

Na imagem, o perfil do tweet original apresenta uma informação sobre um possível relacionamento amoroso entre os atores protagonistas de Pantanal Alanis Guillen e Jesuíta Barbosa, responsáveis por darem vida aos personagens Juma e Jove, respectivamente.

Como resposta, o tweet apresentado como resposta mais relevante utiliza da ironia ao dizer “lindo casal” juntamente de uma imagem de uma onça e de um veado. Nesse contexto, podemos apontar algumas questões que nos ajudam a pensar de qual maneira Jove é percebido e os motivos para tais percepções.

A imagem utilizada no tweet faz referência direta ao fato da personagem Juma se transformar em uma onça. Porém, não é como se o personagem Jove tivesse relação dentro da ficção com o animal veado, assim como a personagem de Alanis possui com o felino, permitindo compreender que o sentido atribuído ao animal é de fato a associação comum entre o termo “viado” com homens homossexuais.

Além disso, e aqui talvez seja possível sinalizar novas possibilidades de estudo sobre recepção, Jesuíta Barbosa é abertamente parte da comunidade

LGBTQIAP+, o que pode reforçar ainda mais o preconceito que o personagem interpretado pelo ator sofre pelo público que possui uma dificuldade em se desprender da realidade. A problemática é ainda mais complexa, pois se pode compreender, nesse contexto, o apagamento da bissexualidade, resultado de uma concepção binária sobre a orientação sexual, onde ela é estritamente delimitada em a partir do interesse por um gênero ou pelo outro (homem ou mulher).

5.4.3 Jove, o que ele poderia representar e o que ele representa

Até aqui vimos de maneira direta e indireta a associação de Jove a sexualidade e elementos culturalmente relacionados à mulher como se essas questões fossem de fato o que o personagem representa na trama, o que é uma falácia e torna o conteúdo visto até aqui meramente uma representação de como a homofobia internalizada unida ao consenso de masculinidade hegemônica, seja através da visão dos personagens de Pantanal e também do público.

Porém, o que veremos neste subtítulo representa uma visão (consideravelmente menor no que se refere a quantidade de tweets analisados - e encontrados dentro da proposta de coleta orgânica -, mas importante para a discussão não apenas sobre masculinidade e sexualidade, como também sobre representações narrativas em telenovelas) sobre o personagem Jove.

Figura 13: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

O tweet acima fala de uma forma hipotética em que a pessoa responsável pelo conteúdo vislumbra uma narrativa em que Jove possa ser gay e ter um envolvimento com um peão de pantanal. Na mensagem, ele não afirma que o personagem representado na novela é gay, como foi visto em alguns dos tweets anteriores, mas que faria sentido para ele assistir uma trama em que o Jove de fato fosse.

A pessoa responsável pela escrita do tweet ainda fala sobre a ideia de Juma e Muda formarem um casal, duas personagens femininas que na trama original são amigas e passam a viver juntas. Essa shippagem de um casal que não existe para alguns pode representar *queerbaiting* pela maneira como as personagens se relacionam e deixam “ideias sugestivas” na atmosfera da trama, quando por exemplo Juma convida Muda para dormir junto com ela. Contudo, dadas as circunstâncias miseráveis que as personagens vivem, acredito ser muito mais uma questão de necessidade básica do que textos subentendidos, ainda que eles possam gerar outras interpretações.

A expectativa de ver personagens LGBTQIAP+ é consequência direta de não apenas um histórico de invisibilização dessas identidades ao longo do tempo, mas também por representações que não se mostravam representativas para a comunidade.

Nesse contexto de personagens que eram utilizados para ridicularizar a sexualidade de quem não era hetero, personagens LGBTQIAP+ que não eram utilizados como chacota e recebiam, de fato, conflitos e camadas dentro da narrativa da trama, não eram bem aceitos pelo público e, em muitos casos, reduzidos na novela ou ainda eliminados totalmente, como aconteceu com as personagens lésbicas de Sílvia Pfeifer e Christiane Torloni em Torre de Babel no fim da década de 1990, quando as personagens foram mortas na famosa explosão que eliminou os personagens mais rejeitados do público.

A norma de personagens LGBTQIAP+ era então uma só: servir para zombar. Mulheres lésbicas eram agressivas, performavam comportamentos que se assimilavam aos dos homens heterossexuais em muitos aspectos; os homens gays eram frágeis, sensíveis e muito comumente tinham questões associadas a coisas de senso comum relacionadas ao universo feminino; pessoas trans e travestis eram apenas piada e se tornavam desumanizadas.

Em 2005, surge então a telenovela América, escrita por Gloria Perez, e exibida no horário nobre no canal Globo. Na trama, o personagem Júnior (interpretado por Bruno Gagliasso), possuía alguns trejeitos que estão presentes em personagens gays estereotipados da época. Mas, além disso, Júnior apresentava também conflitos sobre aceitação e a sua paixão pelo peão Zeca (personagem de Erom Cordeiro). Diferente das personagens de Pfeifer e Torloni, os personagens de Gagliasso e Cordeiro foram bem aceitos por uma parte do público.

Porém, ainda que os personagens tivessem sido aceitos, houve, mais uma vez, o apagamento citado anteriormente: a única cena de beijo entre o casal (que seria a primeira cena de beijo gay nas telenovelas brasileiras) foi censurada e cortada na edição do capítulo que foi ao ar, frustrando não apenas os artistas, mas também os telespectadores, como o tweet abaixo pode ilustrar:

Figura 14: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

O tweet acima faz referência direta entre Jove e a frustração que aconteceu em América, apontando para o personagem enquanto uma reparação histórica sobre a censura da época. É claro, dentro do conteúdo existe também o humor, mas a mensagem é clara.

Nesse mesmo tweet, o autor (ou autora) não associa Jove a homossexualidade, mas sugere o quanto isso seria importante, reconhecendo que de fato, na trama exibida, Jove homossexual não é real.

O Jove, em meio a tantas interpretações, teve uma recepção um tanto frustrada no Twitter. De um lado houve frustração com quem esperava um personagem debochado e mais próximo à figura do Jove na novela original, do outro houve uma dificuldade em compreender que tipo de representação de homem heterossexual era essa.

O Jove de 2022, como citei anteriormente, representa o jovem da geração contemporânea. Ele tem ideais comuns para agora, se comunica com a geração mais antiga a ele de uma forma parecida com a que os jovens de hoje se comunicam, se relaciona com o mundo, com as artes e com as próprias experiências, uma forma mais sensível do que os homens do pantanal se relacionam.

Figura 15: Captura de tela do Twitter.



Fonte: o autor.

O tweet acima, promove com humor, a necessidade de que homens conversem mais sobre suas masculinidades, conseqüentemente, falando também sobre suas dores, sentimentos, frustrações e desejos. O conteúdo ilustra a maneira

como ser homem significa coisas diferentes para Jove em relação aos demais homens que o recebem no pantanal.

Apesar da imagem utilizada no tweet falar sobre um homem bissexual, ela serve apenas como um meme, não sendo o elemento principal da mensagem. O texto do tweet, diferente da maioria, não fala sobre Jove ser gay ou bissexual, mas sobre masculinidades e como elas são pautadas a partir da diferença.

Jove, então, pode não ser exatamente tudo aquilo que os telespectadores gostariam ou esperavam ver, ou quem o seu pai sempre imaginou, mas é o contraponto para ilustrar como algumas normalizações de comportamentos bastante comuns no meio dominado pela masculinidade hegemônica já não servem mais, não apenas para os jovens homens contemporâneos, mas para a sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se, então, a necessidade de compreender a maneira como o público se relaciona com as narrativas propostas na ficção e como ele se apropria de tais enredos, sobretudo em um produto midiático ainda tão forte culturalmente como a telenovela é no Brasil.

Ao dar início a esse trabalho com foco sobre masculinidades, buscamos entender não apenas como as identidades culturais de homens são retratadas na ficção, mas como elas são relacionadas a discursos preconceituosos e ainda lapidados a um padrão hegemônico do que se espera das figuras masculinas dentro e fora da ficção.

Dessa forma, recorreremos a autores como Stuart Hall para que pudéssemos pensar sobre cultura, bem como identidades culturais, assim como buscamos autores que pudessem nos elucidar a respeito de questões mais atreladas a gênero e sexualidade, com a obra de Judith Butler, por exemplo, relacionando essas temáticas com a telenovela Pantanal e o personagem central para a análise deste trabalho, o Jove.

Através dessa ótica, observamos como o personagem foi construído dentro e recepcionado fora da ficção, compreendendo a maneira que os personagens se relacionaram com ele, assim como buscando perceber, através dos conteúdos do Twitter, como as pessoas enxergavam Jove e referenciam o personagem aos elementos apresentados aqui, atribuindo o humor, o preconceito e produtos da cultura pop, sempre buscando um afastamento do Jove em relação ao pantanal e os homens pantaneiros da ficção. Nisso, temas associados às identidades masculinas hegemônicas se mostraram ainda enraizados dentro do imaginário das pessoas, ainda que nem sempre isso se dê de maneira intencional.

A coleta de conteúdos na rede social Twitter e a análise dos capítulos de Pantanal, possibilitou perceber como a homofobia internalizada está diretamente associada à masculinidade por si só, sendo também possível entender que a hierarquização social masculina, feita através da distinção entre os homens, é estabelecida dentro de normas ainda convencionais aos “papéis masculinos”, um conceito que, para alguns autores se imaginava superado, mas que no fim das contas ainda é um fator determinante para a maneira como as pessoas vão

interpretar e ler socialmente um homem que não performa a masculinidade esperada em um determinado contexto.

A análise dos capítulos deixa entendido que a noção de masculinidade se mostra pautada pelo contexto, assim como a identidade é marcada pela diferença. Em Pantanal, foi possível perceber isso através do contraste entre os homens em relação ao Jove, assim como a identidade cultural de cada um deles é compreendida como a soma de uma construção constante acerca de fatores culturais em seus lugares de origem.

São essas diferenças que vão gerar um estranhamento cultural e conseqüentemente a deslegitimação da identidade de um sujeito em detrimento de outros e conseqüentemente, fatores como a homofobia surgirão em suas concepções.

Não era, contudo, o objetivo deste trabalho de conclusão de curso, encerrar a discussão acerca das identidades, da homofobia e/ou das masculinidades, mas sim, a partir das discussões feitas aqui ser possível pensar além para outras narrativas que surgirão e serão acompanhadas por um grande público, como aconteceu com a telenovela em questão utilizada para análise.

Para além da masculinidade, as diferenças citadas aqui podem assumir vestígios para novos trabalhos a partir dessa perspectiva. Para trabalhos futuros, por exemplo, a telenovela Pantanal poderia contribuir para discussões de novas identidades femininas através de personagens como Maria Bruaca e sua filha Guta, ou ainda, representações simbólicas sobre a mulher através do folclore envolto na personagem de Maria Marruá. Além disso, a telenovela de 2022 poderia servir como um contraponto a algumas questões representadas na versão original da trama exibida quase no fim do século passado.

Esses exemplos elucidam que as telenovelas podem assumir um papel de discussão sobre os mais diversos assuntos culturais representados ou não de maneira explícita com enredos e personagens que possibilitam reflexões acerca de realidades presentes em paralelos da realidade.

O Twitter, por sua vez, assim como outros espaços da internet, seguirão servindo de apoio para podermos visualizar opiniões e perceber associações de senso comum para então e pensar práticas de mediações entre público, mídia e cultura.

Por fim, encerro este texto citando que, assim como a frase presente na abertura de Pantanal diz que “os filhos dos filhos dos nossos filhos verão”, as representações midiáticas são e continuarão sendo parte fundamental para a manutenção da sociedade contemporânea e podem, então, servir para que possamos ser mais combativos em relação aos valores dominantes que são tão nocivos para tantos Joves dentro e fora dos pantanais, LGBTQIAP+ ou não.

REFERÊNCIAS

ARTESE, F. In the digital world, all roads lead to Rome. But is Rome prepared? **Dental Press J Orthod**. 2019 Nov-Dec;24(6):7-8. DOI: <https://doi.org/10.1590/2177-6709.24.6.007-008.edt>

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro: relações entre homens e mulheres**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Traduzido por Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011. Tradução de: L'Analyse de Contenu.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BAUER, M. W. e GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BRADLEY, Robert H. **Fractured identities**. Cambridge: Polity Press, 1996.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

BUZZMONITOR. **Trending Topics Brasil 2022**. Disponível em: https://conteudos.buzzmonitor.com.br/wp-content/uploads/2022/12/Trending-Topics-Brasil-2022_compressed.pdf
Acesso em: out. 2023.

CANCLINI, Néstor García. **El consumo sirve para pensar**. Diálogos de la comunicación, n. 30, México: Revista de la FELAFACS, 1991.

CONNELL, Raewyn. W. **Políticas de masculinidade**. Educação e Realidade, 20(2), 185-206, 1995.

CONNELL, Raewyn W. "Masculinities, Change and Conflict in Global Society: Thinking about the Future of Men's Studies." **Journal of Men's Studies**, v. 11, n. 3, p. 249-266, 2003.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito**. Rev. Estud. Fem., Florianópolis, v. 21, n. 01, p. 241-282, abr. 2013.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos estudos culturais. **Revista Famecos**, v. 5, n. 9, p. 87-97, 1998.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina et al. Estudos Culturais: uma introdução. **O que é, afinal, Estudos Culturais**, v. 3, p. 133-166, 2000.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Os estudos culturais em debate. **UNIrevista, São Leopoldo**, v. 1, n. 3, p. 1-8, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.. Estudos culturais latino-americanos e Jesús Martín-Barbero: Mais afinidades do que disputas. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 99-113, 2018.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 2006.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Lamparina, 2023.

JABLONSKI, Bernardo. **Até que a vida nos separe: a crise do casamento contemporâneo** (2nd. ed.). Rio de Janeiro, 1998.

KEGLER, Luiza; ARAUJO, Denise Castilhos de. **A moda e a mídia: função metalingüística das telenovelas e revista feminina de moda**, 2007.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001.

LOPES, M. I. V. de. **Telenovela brasileira: uma narrativa sobre a nação**. Comunicação & Educação, [S. l.], n. 26, p. 17-34, 2003. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v0i26p17-34. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469>. Acesso em: 10 out. 2023.

LOPES, M. I. V. de. **Telenovela como recurso comunicativo**. Matrizes. Ano 3, Nº 1 (ago./dez.2009). São Paulo: ECA/USP/Paulus: 2009.

LOPES, M. I. V. de. **A recepção transmidiática da ficção televisiva: novas questões de pesquisa** DOI: 10.13140/2.1.1339.8085 Conference: Estudos de Televisão: Brasil-Portugal, At Rio de Janeiro. 2011.

MACHADO, Arlindo; BECKER, Beatriz. **Pantanal: a reinvenção da telenovela**. São Paulo: EDUC, 2008.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones: comunicación, cultura y hegemonía**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

WOODWARD, K. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, T.T (org.). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.* Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

TURNER, Graeme. **Estudos Culturais Britânicos – Uma Introdução.** Boston: Unwin Hyman, 1990.

WILLIAMS, Raymond. **La larga revolución.** Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.

WANG, May-Lin. **Os últimos românticos? Um estudo sobre masculinidade e expressão do sentimento amoroso.** Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, Rio de Janeiro, 2004.